



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**A TRAJETÓRIA DE UMA JOVEM – DE ALUNA A VOLUNTÁRIA – NO PROJETO
CONSTRUINDO O SABER /NÚCLEO RIO DAS PEDRAS**

STEPHANIE MONTEIRO DOS SANTOS GONÇALVES

RIO DE JANEIRO
2017

**A TRAJETÓRIA DE UMA JOVEM – DE ALUNA A VOLUNTÁRIA – NO PROJETO
CONSTRUINDO O SABER /NÚCLEO RIO DAS PEDRAS**

STEPHANIE MONTEIRO DOS SANTOS GONÇALVES

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final
para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Dezembro
2017

A TRAJETÓRIA DE UMA JOVEM – DE ALUNA A VOLUNTÁRIA – NO PROJETO
CONSTRUINDO O SABER /NÚCLEO RIO DAS PEDRAS

STEPHANIE MONTEIRO DOS SANTOS GONÇALVES

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Sandra Albernaz de Medeiros

Escola de Educação – Departamento de Fundamentos da Educação

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

*“Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós
juntos”*

(Ray Kroc)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Iara, minha melhor amiga e mais fiel companheira, que me aguentou nos meus piores momentos de irritação e ansiedade e me ensinou, entre tantas outras coisas, que quando queremos algo temos que batalhar e nunca desistir, dar o nosso melhor e só assim as coisas acontecem. Seu amor e sua dedicação foram fatores decisivos para que eu pudesse ter estrutura para conseguir fazer este trabalho e para ter uma base sólida na minha vida.

Ao meu avô Ananias, que com toda a paciência e sabedoria me ensinou que o amor tem inúmeras formas de serem demonstradas, que laços de sangue não são os que definem família, e sim laços de amor, além de estar sempre disposto a fazer qualquer coisa por mim, até me acompanhar no meu primeiro dia de aula, e em outros dias também.

À minha avó Maria, meu exemplo de paciência, bondade e compreensão. Com ela vejo que por mais que as coisas estejam ruins, sempre há algo bom mais na frente. Sua sabedoria me enche de orgulho e seus ensinamentos estão guardados na minha memória e no meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a parte espiritual, minha mãe Iemanjá, meu pai Xangô, meu pai Ogum e a todos os orixás, pretos velhos, caboclos, boiadeiros, beijada, povo de rua, malandragem, marinheiros e povo do oriente, por me darem a sabedoria, força e caminho necessário para que eu pudesse fazer este trabalho.

A parte carnal, agradeço, primeiramente, a minha mãe Iara, por todo carinho, amor, paciência e por todas as brigas, necessárias para que eu conseguisse ser forte e ao mesmo tempo saber que não estava sozinha.

Agradeço a minha avó Maria e ao meu avô Ananias, por sempre me fazerem sentir especial e pelo apoio e amor incondicional ao longo de toda a minha vida.

Ao meu irmão, Ian, por todo apoio, mesmo sendo o irmão mais implicante que eu conheço.

A minha madrinha Márcia, por todo o amor, apoio, por todas as conversas e, também, por entender minhas ausências nesse período de monografia.

Gostaria de agradecer também ao Márcio, meu orientador, que apesar dos pesares não desistiu de mim e continuou me orientado. E a Sandra, que foi meu Norte nos momentos mais difíceis. Com vocês que aprendi o que é, verdadeiramente, ser professor/professora e, também, a ser uma pessoa melhor.

Ao meu pai Neury Marcos e aos meus irmãos Gabriel e Marcos Felipe, por mostrarem que o amor é possível mesmo na distância.

Ao Projeto Construindo o Saber e a todos que trabalham ou estudam lá, foi uma honra poder participar e contar um pouco dessa história.

A família que eu construí no projeto (Karine, Luana, Chico, Diego, Euclides, Ingrid, Félix, Hugo, Lídia, Lourdes, Amanda, Adalberto e tantos outros), agradeço a toda ajuda, apoio e amor. O projeto não seria o mesmo sem vocês e eu não seria a mesma sem a amizades de vocês.

Aos meus maxãs (Aleff, Glécia, Érica, Bruna e Eliel) por serem vocês e por essa amizade que se transformou em irmandade e que segue, apesar dos pesares, forte e sólida. Esse

amor que nutrimos uns pelos outros é um porto seguro. A nova geração de maxãs já começou a se formar com a nossa pequena Cecília e que venham mais outros para agregar e manter essa história por muitos e muitos anos.

As minhas pedagogatas (Letícia, Renata, Mariana, Juliane, Marília, Tatiana, Paula e Ana Beatriz) por todos os momentos compartilhados, todo apoio e todo o amor. Sem vocês a faculdade não teria tido graça, eu não teria tido força e meu coração ficaria com um vazio faltando sem preenchido. Dizem que o período universitário é inesquecível, eu concordo, pois vocês fizeram esses anos inesquecíveis. O que a Unirio uniu ninguém separa e agora vocês vão ter que me aguentar para o resto da vida de vocês. Amizades assim são presentes do Astral e vocês são meu amores e presentinhos mais felizes desde 2013.

Agradeço a UNIRIO e a todos que compõem essa universidade (professores, monitores, funcionários, alunos, entre outros). Todos os momentos vividos, bons e ruins, me fizeram crescer como pessoa e como profissional e todas as trocas e interações me fizeram ser melhor, entender melhor o mundo e a educação. Tenho muito orgulho de ser formada pela UNIRIO e levarei todos os ensinamentos que pude apreender nesses anos árduos para o resto da minha vida.

O mais importante da vida não são as vitórias que conquistamos, mas o caminho que nos levam até elas e as pessoas que compartilham esse caminho. Eu sou uma das pessoas mais sortuda do universo por ter sujeitos tão especiais na minha trajetória. Amo vocês!

STEPHANIE MONTEIRO DOS SANTOS GONÇALVES. **A Trajetória de uma jovem – de aluna a voluntária – no Projeto Construindo o Saber /Núcleo Rio das Pedras.** Brasil, 2017, 67 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória de uma estudante carioca e a importância dos Pré-Vestibulares Populares, a partir da experiência no Projeto Construindo o Saber (PCS), mostrando a luta pela democratização do ensino e os desafios encontrados pelas pessoas de classes populares para ingressar na Educação Superior. Além de discutir a educação como um direito e política pública de interesse social através das políticas de ações afirmativas. Começando com a narrativa de vida, perpassando pelo início histórico dos Pré-Vestibulares Populares e pelas vivências em Rio das Pedras e no Projeto Construindo o Saber, buscamos evidenciar a importância desse tipo de movimento para os sujeitos que são historicamente excluídos do Ensino Superior para terem acesso a uma educação formal, como sujeitos de direitos e de plena cidadania.

Palavras-chave: experiência; Pré-Vestibular Popular; democratização do ensino.

INDICE DE SIGLAS

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PCS – Projeto Construindo o Saber

PVP – Pré-Vestibular Popular

C.A. – Classe de Alfabetização

CAIC – Centro de Apoio Integrado à Criança e ao Adolescente

UERJ – Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PVNC – Pré-Vestibular para Negros e Carentes

EDUCAFRO – Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes

MSU – Movimento dos Sem Universidade

ONG – Organização Não Governamental

PROVE – Projeto de Valorização da Educação

Sumário

RESUMO	8
Introdução	12
Capítulo 1: Narrar a Vida: Reflexão sobre a Educação	15
1. De aluna a voluntária: trajetória no Projeto Construindo o Saber.....	15
Capítulo 2: Rio das Pedras, uma favela; Pré-vestibulares Populares, uma luta pela democratização do ensino	20
2.1. Um olhar sobre Rio das Pedras	20
2.2. Um breve panorama histórico sobre a origem dos Pré-vestibulares Populares.....	22
2.3. Rio das Pedras e os Pré-Vestibulares Populares	26
Capítulo 3: O Projeto Construindo o Saber – Núcleo Rio das Pedras	29
3.1. Como nasceu o Projeto Construindo o Saber	29
3.2. Voluntariado	33
3.3. Alunos e Ex-alunos.....	36
Considerações Finais	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICE A:	46
APÊNDICE B:	47
APÊNDICE C:	48
APÊNDICE D:	49
APÊNDICE E:	52
APÊNDICE F:	55
APÊNDICE G:	57
APÊNDICE H:	59
APÊNDICE I:	60
APÊNDICE J:	62

APÊNDICE K: 64

APÊNDICE L: 66

Introdução

Escolhi esse tema, pois como futura pedagoga e moradora de uma favela, sei bem as dificuldades enfrentadas por indivíduos que tem realidades parecidas com a minha para ingressar no ensino superior, então escolhi mostrar, através da história da minha trajetória de vida e de outros como eu, a importância da luta pela democratização do ensino feita pelos Pré-Vestibulares Comunitários. Para isso usarei a minha experiência de aluna a voluntária no Projeto Construindo o Saber, um Pré-Vestibular Popular localizado no Rio das Pedras.

Os Pré-Vestibulares Populares contribuem socialmente na formação dos alunos. Os sujeitos pertencentes as classes populares enfrentam processos de discriminação e exclusão em vários âmbitos da sua vida, na sua formação educacional deficitária, nos lugares de moradia visto de forma marginalizada, em seu reduzido capital cultural e, para os indivíduos negros, o preconceitos com sua cor. Todos esses fatores dificultam seu acesso à Universidade, essa forma de exclusão leva a perpetuação do conceito que as Universidades são para a pessoas pertencentes a elite e só tem acesso a ela quem estudou nas melhores escolas e teve oportunidades melhores de vida. Foram estes fatores que me motivaram a discutir a trajetória desses sujeitos por meio dos cursos comunitários até o ingresso na Educação Superior.

Destaco a importância social do tema, pois como coloca Zago (2006, p. 230) “A desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior é construída de forma contínua e durante toda a história escolar dos candidatos. ” e discutir essa trajetória e um dos meios de combater essa desigualdade de oportunidades, esse é um pensamento que deveria ser discutido por todos que estão inseridos no mundo da Educação.

Ressalto que por se tratar de um relato de experiência, decidi preservar a escrita como estudante no meu estilo de redação, meu trabalho será feito entre primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural, deixando assim o texto mais pessoal e biográfico.

Minha pesquisa iniciou-se em setembro de 2016, com o levantamento de diversas obras bibliográficas entre livros, artigos, monografias e reportagens sobre Pré-Vestibulares Populares e os Movimentos sociais ligados a esses cursos. Pesquisei, também, sobre a democratização do ensino e algumas políticas públicas de acesso à educação. A partir dos dados coletados pude

iniciar a escrita da minha monografia.

É importante ressaltar a dificuldade para encontrar material bibliográfico sobre Pré-Vestibulares Populares, principalmente sobre história específicas de alguns núcleos dos cursos mais conhecidos. O material sobre esse tipo de movimento ainda é escasso e as pesquisas referentes a esse tema são de grande dificuldade de acesso. Apesar de ser um tema tão rico de ser discutido, ele ainda é muito pouco explorado.

No primeiro capítulo contei minha trajetória escolar e minha trajetória de aluna a voluntária no Projeto Construindo o Saber, usei o meu relato de experiência para exemplificar a dificuldade que alunos oriundos de classes populares têm de ingressar em uma Universidade. Nesse capítulo descrevi, de forma breve, o funcionamento desse Pré-Vestibular e o começo de sua história.

O segundo capítulo foi dividido em três partes. Na primeira parte conto um pouco da história do Rio das Pedras, lugar onde residio e onde está localizado o Projeto Construindo o Saber, e mostro sua constituição política, social e cultural. Na segunda parte faço um breve panorama histórico sobre o início dos Pré-Vestibulares Populares, dando maior ênfase para os cursos oriundos no Rio de Janeiro. Na terceira parte procurei falar sobre todas as iniciativas educacionais nos moldes de Pré-Vestibulares Populares que passaram pelo Rio das Pedras. Por causa da inexistência de material bibliográfico sobre algumas iniciativas, esse subcapítulo foi baseado na entrevista que realizei com um dos fundadores desses cursos, sendo também ex-aluno de um dos Pré-Vestibulares Comunitários existentes no Rio das Pedras. Essa entrevista foi feita pessoalmente e documentada por gravação de voz.

A partir desse momento foram realizadas algumas entrevistas com voluntário, alunos e ex-alunos do Projeto Construindo o Saber. As perguntas foram feitas no formato de entrevista estruturada e divididas para voluntários que estavam no início do funcionamento do PCS, voluntários atuais e alunos e ex-alunos, como mostra os instrumentos de pesquisa (Anexo A, B e C). Essas entrevistas foram feitas de forma online, pois algumas pessoas entrevistadas não se encontraram disponíveis para entrevistas de forma pessoal. Neste processo de pesquisa busquei ter acesso a informações importantes sobre a história do Projeto Construindo o Saber e a relação que as pessoas que trabalham, estudam ou estudaram lá tem com esse lugar. As entrevistas aparecem de forma integrada ao texto, principalmente, no terceiro capítulo, a fim de exemplificar a relação do Projeto na vida dessas pessoas e de forma completa ao final do trabalho.

O terceiro capítulo tem como finalidade contar a história do Projeto Construindo o Saber a partir da fala de seus primeiros voluntários. Além de mostrar a estrutura, o funcionamento e a importância do projeto, através da fala de pessoas que trabalham, estudam ou estudaram lá e das minhas recordações do tempo de estudante a análise como voluntária.

Cabe lembrar que, ao escolher esse tema para pesquisa, tenho o objetivo de mostrar ao leitor a importância dos Pré-Vestibulares Populares para os sujeitos de classes populares e moradores de favelas. Esses cursos têm um papel importante não somente no ingresso para as Universidades, mas também como transformadores sociais, pois eles trabalham para uma formação de indivíduos críticos-reflexivos sobre a sociedade.

Boa leitura!

Capítulo 1: Narrar a Vida: Reflexão sobre a Educação

“Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

(Paulo Freire)

1. De aluna a voluntária: trajetória no Projeto Construindo o Saber

Elizeu Clementino de Souza (2011) e de Jorge Larrosa (2002) tratam da narração de vida e da importância da experiência na formação profissional, fazendo destes projetos acadêmicos, a partir dessa visão, optei por fazer da minha monografia um relato de experiência, narrando o que vivi no Projeto Construindo o Saber e em parte da minha trajetória escolar, para mostrar a importância que este Projeto teve na minha vida e no lugar em que vivo. Parto da seguinte concepção: “a noção de território como confluências de múltiplos espaços narrativos vincula-se às relações sociais, políticas, materiais e simbólicas, vividas pelos sujeitos em suas trajetórias de vida-formação” (SOUZA, 2011, p. 213), por isso minha monografia será relato de experiência.

Comecei minha vida escolar em colégios particulares, na Educação Infantil estudei em creches e colégios de pequeno porte situados na comunidade do Rio das Pedras, lugar onde nasci e vivo até os dias atuais. Do C.A. a 4ª série (atualmente 1º ao 5º ano) estudei em uma escola particular e religiosa e da 5ª a 7ª série (atualmente 6º e 7º ano) estudei em um colégio particular. No meio da 7ª série, troquei de colégio e fui para a escola estadual CAIC Euclides da Cunha, onde terminei de cursar a 7ª série e fiz todo o Fundamental 2 e Ensino Médio. Me formei no ano de 2010 no CAIC Euclides da Cunha.

Nessa mudança de escola particular para a escola pública notei o quanto a estrutura da rede pública era deficitária, onde eu estudava faltavam professores, a estrutura física era muito ruim e o conteúdo disciplinar era incompleto. Como coloca Carlos Rodrigues Brandão (2006, p. 21):

Mesmo em graus elementares, a escola pública é deficiente e deixa ainda à margem de uma educação escolar adequada um número muito grande e persistente de crianças e adolescentes pobres. [...] todo o processo de modernização do sistema escolar não resultou, até agora, em uma oferta de educação compatível com as necessidades de instrução, formação, instrumentalização e capacitação das pessoas de povo.

Porém, na escola pública tive professores fantásticos e aprendi muito sobre lutas sociais, a reivindicar os meus direitos e entender que as pessoas têm vidas, realidades e pensamentos diversos e temos que respeitar todos. Essa experiência me marcou muito e fez com que eu tivesse uma outra visão de educação, “ A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 19), e, acredito, que a educação se dê por meio de todas as experiências que nos atravessam na nossa caminhada estudantil.

Concomitantemente com meus estudos regulares comecei a estudar no Projeto Construindo o Saber (PCS), iniciei meus estudos no ano de 2009, nas aulas de reforço semanais para o 2º ano do ensino médio. Nessas aulas, víamos as matérias comumente dadas no 2º ano, além das aulas de cultura e cidadania, um diferencial do Projeto Construindo o Saber, que propunha a discussão de temas socialmente relevantes visando a formação de um pensamento crítico e autônomo. Discutíamos, também, nessas aulas aspectos da nossa vida, dificuldades que passávamos e tentávamos dar apoio e compreensão uns para os outros. Quando estava no 3º ano do ensino médio, fiz no PSC o pré-vestibular, um preparatório para os exames vestibulares.

[...] os cursinhos pré-vestibular populares (PVP) são iniciativas sem fins lucrativos, que contam com a participação de instituições religiosas, associações comunitárias, universidades, estudantes, egressos destes mesmos cursos, professores, entre outros atores sociais. O denominador comum destas iniciativas é a democratização do ensino e o acesso à universidade para uma população que historicamente vem sofrendo um processo de exclusão do Ensino Superior (negros, famílias de baixa renda, moradores de bairros populares, egressos de escolas públicas). (ZAGO, 2009, p. 254)

Como já dito anteriormente, conclui meus estudos no ano de 2010: no primeiro ano que cursei o pré-vestibular, mas não consegui passar para nenhuma universidade, então continuei no PCS até o ano de 2012, quando finalmente consegui a vaga para cursar pedagogia na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

O Projeto Construindo o Saber localiza-se dentro de um colégio estadual (CAIC Euclides da Cunha) na comunidade do Rio das Pedras. No colégio o PCS encontra-se em um espaço que é unicamente de sua utilização, esse espaço conta com duas salas de aula, um almoxarifado e uma outra sala que é usada como recepção, esse lugar cedido pela escola é utilizado nos dias de semana e aos sábados. Como no sábado, além do pré-vestibular, tem o funcionamento do pré-

técnico (preparatório para as provas de escolas técnicas), utiliza-se mais duas salas de aula da escola para alocar os alunos do técnico.

Todos que trabalham atualmente no projeto são voluntários, em sua maior parte, universitários e ex-alunos, cerca de 90% do pessoal. O projeto foi criado por um grupo de amigos que convidaram conhecidos para dar aula visando trazer impactos sociais através da educação. Existem, também, pessoas que não estudaram lá, mas souberam da existência do PCS e se voluntariaram para trabalhar.

Os alunos que o PCS atende são, em sua maioria, moradores do Rio das Pedras e redondezas, que têm uma situação econômica desfavorável. A maior parte é estudante da rede pública de ensino. No pré-vestibular existe uma cota reservada para os alunos do CAIC Euclides da Cunha, e os outros alunos entram pela ampla concorrência. O processo seletivo acontece sempre no começo do ano e conta com uma prova de conhecimentos gerais, português e matemática, além de uma entrevista. Em anos anteriores tinha-se, também, a utilização de dinâmicas de grupos, mas devido à falta de pessoas para aplicá-las, esta etapa foi cancelada.

Iniciei meus estudos no Projeto Construindo o Saber no ano de 2009, nas aulas de reforço semanais para o 2º ano do ensino médio. Alguns amigos meus já tinham feito o Pré-Técnico, como nunca tinha desejado ter uma formação técnica, não quis participar nessa época. Os alunos que não passaram para as escolas técnicas ou não ganharam bolsa em nenhuma outra escola, continuaram a estudar no PCS nas aulas de reforço e foi no 2º ano do ensino médio que resolvi participar dessas aulas, pois me ajudariam na escola e uma boa parte da turma do colégio fazia, então vi como uma boa oportunidade de estar com meus amigos.

Tínhamos aula de segunda a sexta, das 18:50h às 22:00h, lembro que as aulas eram muito divertidas e tínhamos jogos, músicas e debates em várias delas. A convivência com os voluntários sempre foi de amizade e o grupo de amigos que se formou nesse período foi muito importante para esta etapa da minha vida, pois nos apoiávamos mutuamente para conseguir aguentar os dois turnos de estudo (estudávamos a noite no projeto e na parte da manhã na escola regular) e não desistir de nenhum deles. Esse ano foi muito estimulante e gratificante, e acabou sendo um bom aprendizado para os anos que estudei no pré-vestibular.

No pré-vestibular eu estudei por três anos consecutivos (2010, 2011 e 2012), as aulas

aconteciam de segunda a sexta das 18:50h às 22:00h, aos sábados das 8:00h às 18:30h e tinham simulados das provas da Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) aos domingos, uma vez por mês.

No primeiro ano foi muito difícil conciliar o 3º ano do ensino médio com o pré-vestibular, apesar de uma grande parte da minha turma estudar no projeto. Essa não era a realidade da maioria dos alunos do ensino médio que estudam no CAIC. Apenas pequena parte dos alunos da escola faziam pré-vestibular e tinham pretensão de estudar em universidades, grande parte dos alunos pensavam em trabalhar depois de se formar. Então, contávamos com pouco apoio da escola como um todo, embora alguns professores apoiassem e entendessem o que estávamos passando dando suas aulas voltadas para o vestibular e compreendendo a nossa dispersão perto das datas de provas, essa ainda não era uma questão amplamente debatida o que gerava um grande número de trabalhos perto de provas, falta de informações sobre o vestibular dentro do ambiente educacional e um descredito nos alunos que tentavam passar para uma universidade. Esses fatores nos levavam a não sentir um verdadeiro entendimento e apoio para o momento que estávamos passando. Meu objetivo nesse primeiro ano era conhecer o vestibular, mas estava realmente centrada em concluir o ensino médio.

No segundo ano a pressão de passar em alguma prova já tinha um peso maior para mim, mas eu nunca lidei bem com pressão. Eu estudava todos os dias e formei um grupo de estudos com alguns amigos, chegávamos mais cedo no colégio e tentávamos estudar e tirar dúvidas uns com os outros. Não foi um ano fácil, mas eu me sentia muito apoiada e abraçada no PCS, a cada ano que estava lá a sensação era a de que estava fazendo muito mais que um pré-vestibular. Na verdade, sentia que estava formando uma segunda família no projeto. E foi essa família que me fez ter força para voltar ao pré-vestibular quando eu não consegui passar para nenhuma faculdade no ano de 2011.

No terceiro ano de estudo no projeto, eu cheguei muito desanimada e envergonhada por não ter conseguido passar, eu senti que tinha decepcionado todos os professores e voluntários que tinham acreditado em mim. Quando voltei, escutei uma frase que mudou o meu pensamento sobre o vestibular, um dos voluntários chegou para mim e meus amigos, que também não tinham passado, e falou: “vestibular não se faz para passar, vestibular se faz até passar” e com essa frase na cabeça seguimos com todo o esforço necessário de estudo e dedicação, para encarar mais um

ano de pré-vestibular e mais um ano árduo de estudo e pressão pela frente.

Como nunca lidei bem com pressão, nesse ano desenvolvi alguns problemas de saúde em decorrência do estresse, nervoso e ansiedade, pois para mim essa fase de vestibular era de muita tensão e cobrança por passar para alguma universidade. Porém, tanto os meus amigos voluntários, como meus amigos que estudavam comigo, me apoiaram, me escutaram, tiveram calma e paciência para me ajudar a passar por essa fase e, enfim, no terceiro ano estudando no pré-vestibular, consegui passar para a UNIRIO para fazer Pedagogia. Nunca esquecerei a alegria no rosto de todos os amigos que fiz no projeto quando souberam que eu tinha conseguido realizar esse sonho. Era um sonho meu, mas deles também e pudemos comemorar juntos essa vitória.

No ano de 2013 comecei a estudar na UNIRIO e voltei ao PCS, mas dessa vez como voluntária. No começo fui inspetora os sábados, depois fui auxiliar da coordenação pedagógica do pré-vestibular e no ano de 2015 me tornei uma das coordenadoras pedagógicas do pré-vestibular, cargo esse que exerço até os dias de atuais (2017). Trabalhar no Projeto Construindo o Saber é uma demonstração de gratidão por tudo o que eu recebi de lá, uma forma de continuar com esse trabalho encantador que foi iniciado no ano de 2006 ao poder ajudar outras pessoas a realizar o sonho de cursar uma faculdade, mas sempre pensado de forma autônoma, crítica e livre.

O caminho acadêmico que cursei não foi fácil, mas sempre tive apoio e ajuda para continuar na minha caminhada e conseguir realizar meus sonhos, o PCS foi essencial para eu poder entrar na universidade, lá ganhei amigos que sempre me apoiaram e criei pensamentos críticos e autônomos, que me auxiliaram tanto no trabalho voluntário, quanto na minha vida estudantil, profissional e pessoal.

Capítulo 2: Rio das Pedras, uma favela; Pré-vestibulares Populares, uma luta pela democratização do ensino

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”
(Paulo Freire)

2.1. Um olhar sobre Rio das Pedras

Nasci, cresci e vivo no Rio das pedras, uma favela localizada na zona oeste do Rio de Janeiro. Segundo Geraldo Silva (2013), existem diversas definições de favela que vão desde a designação dos atributos físicos sobre habitações populares autoconstruídas, até as qualidades sociais das pessoas que habitam aquele ambiente. Um exemplo disso é a classificação dada pela Prefeitura do Rio de Janeiro para favela, através do Programa Morar Carioca, que designa o lugar por seus aspectos físicos:

[...] as favelas foram classificadas como: aquelas que, por se constituírem em áreas de risco ou em locais inadequados para o uso residencial, podem ser consideradas, a princípio, em favelas não urbanizáveis, necessitando de maiores análises para a verificação da impossibilidade de urbanização e; urbanizáveis, agrupadas em quatro subcategorias, conforme o tamanho e o grau de urbanização. Além dessas, foi destacada a favela urbanizada, que, segundo definições da Secretária Municipal de Habitação, é aquela tem sido objeto de programas de urbanização integrada [...] cujo projeto tenha garantido a implantação de infraestrutura básica, equipamentos públicos e níveis de acessibilidade satisfatório; ou que, por esforço próprio de seus moradores e ações públicas diversas, ao longo do tempo, conseguiram alcançar uma situação bastante satisfatória de urbanização. (CAVALLIERI; VIAL, 2012, p. 3)

A maior parte dessas definições tem uma conotação negativa e discriminatória da favela, colocando-a como um lugar cuja características principais são casas mau construídas e sem estrutura, falta de saneamento básico e, na sua maioria, a presença de tráfico de drogas. Percebe-se assim, que existe uma visão muito negativa deste lugar, mas essas definições foram tomando uma diferente roupagem para alguns pensadores, que conseguiram ver que apesar de tantas faltas existem lados positivos e de resistência dentro das favelas.

Geraldo Silva (2013) coloca que a favela é parte da cidade, é um lugar de encontro das diferenças, com uma rica diversidade cultural. Um lugar que por ser tão marginalizado, quase obriga seus moradores a traçar estratégias de sobrevivência na cidade e buscar formas de resistência para manter sua cultura, mesmo que ela não seja vista de forma positiva por boa parcela da população. O conceito que temos de favela nos ajuda a entender o olhar político e ético que temos desse lugar e ajuda a pensar o tipo de movimento social e educacional que queremos para lá. Para o autor favela é:

[...] uma determinação subjetiva, isto é, um desejo dos pobres de permanecer na cidade, de construir estratégias cotidianas para uma vida melhor mesmo em situações de precariedade, violência e risco. As conquistas da favela, tanto no plano material quanto simbólico, pressupõem esse momento anterior, primeiro e constituinte, que é o sentido (pleno) da permanência na cidade. Corresponderia ao direito e às políticas públicas, portanto, tornar efetiva e juridicamente sustentável essa determinação. Chamo isso de ReFavela, resistência e lutas da favela. (SILVA, 2013, p. 43)

Eu, como moradora de uma favela, lido cotidianamente com as faltas que existem nesse lugar, com a precariedade e com a pouca estrutura, mas viver aqui me mostra que podemos ter uma vida que, apesar de mais difícil, é repleta de conquistas e determinação. Morar em uma favela é um ato político e ver beleza em um lugar tão marginalizado é resistir a essas definições negativas, é aceitar que, apesar da precariedade e dos riscos, esse é nosso lar e não devemos desprezá-lo, mas entender porque estamos ali e lutar por melhores condições de vida e reconhecimento da nossa cultura, diversidade e riqueza enquanto povo.

O Rio das Pedras é uma favela carioca situada na zona oeste da cidade, é a terceira maior favela do Rio de Janeiro, com estimativa de 63,5 mil moradores segundo o IBGE 2010. A favela começou a existir em meados dos anos 60 com a ocupação de prédios inacabados de uma construtora falida, sua expansão deu-se junto com o crescimento da Barra da Tijuca, área nobre da zona oeste, nos anos de 70 e 80, devido ao aumento da demanda de mão-de-obra. A maior parte da população é feita de trabalhadores vindos das regiões do Nordeste do Brasil, isso traz uma característica muito peculiar a esse lugar, pois é uma região onde a cultura nordestina é muito presente.

Diferente de outras favelas, no Rio das Pedras não existe uma rede de narcotráfico, porém o local abriga uma das primeiras milícias do Estado, um grupo paramilitar criado como o intuito

de conter o tráfico de drogas.

A função que a milícia promete cumprir na comunidade é dupla. Por um lado, a expulsão do narcotráfico e da criminalidade organizada tradicional. Por outro, a instauração de uma ordem pública que garanta a paz social e proteja também contra a criminalidade comum: os roubos, os furtos e as agressões. Em outras palavras, uma ordem que garanta um mínimo grau de segurança para as pessoas. (CANO, 2008, p. 66)

Com o passar do tempo a milícia mostrou-se tão perigosa e violenta quanto os grupos de traficantes. Eles usam do poder que possuem para extorquir os moradores e comerciantes locais impondo taxas de segurança e serviços exclusivos para todos que vivem no local.

Com a falta de segurança do poder público os moradores de Rio das Pedras vivem sobre a falsa proteção da milícia, que toma conta do poder financeiro, político e territorial do local. “A milícia [...] não pode se apresentar simplesmente como um grupo de crime organizado que lucra à custa da comunidade, ela precisa se constituir numa alternativa a algo pior: a tirania, o crime e o caos.” (CANO, 2008, p.65), é com o discurso de lutar contra o tráfico de drogas que ela atua na comunidade e ganha apoio dos moradores locais, é assim que ela se legitima e continua existindo dentro da comunidade.

Nesse contexto que cresci, cercada pela falsa ilusão de segurança dada pela milícia local, mas em um lugar rico de diversidade cultural e com características muito diferentes das favelas que eu escutava falar. Apesar de sofrer com alguns episódios discriminatórios, não me sentia desconfortável morando em uma favela e não tinha uma visão negativa deste lugar. A cultura nordestina é realmente muito presente, e apesar de ouvir piadas como: “O Rio das Pedras é a capital da Paraíba”, sinto como se aqui vivêssemos um caso de amor e escárnio com esse título. É notória a influência que os migrantes deixaram na comunidade e sempre há mais gente chegando da região nordeste para morar aqui, mas ainda existe muito preconceito com quem tem um sotaque mais acentuado e piadas difamatórias com as pessoas de origem nordestina. Acredito que estes aspectos, entre outros, moldem essa favela, dando-lhe dinamismo, autenticidade e personalidade própria, fazendo com que morar aqui seja uma experiência genuína de aprendizados diários.

2.2. Um breve panorama histórico sobre a origem dos Pré-vestibulares Populares

Os cursos Pré-vestibulares populares (PVP) são iniciativas coletivas e sem fins lucrativos

que tem como intenção democratizar o ensino dando acesso à educação superior para uma população que historicamente é excluída como negros, estudantes de escola pública, moradores de favelas e pessoas de baixa renda. Apesar de terem modos operacionais e organizacionais diferentes, a maioria dos PVP contam com características semelhantes que permitem a definição de suas propostas políticas, dando assim a condição de existência desses lugares, como:

- O trabalho voluntário do corpo docente e administrativo;
- A gratuidade do curso, existem casos de cobrança que variam entre 5% a 10% do salário mínimo para despesas básicas relacionadas à manutenção de estruturas, transporte para os voluntários etc.;
- A falta de uma sede própria, a maioria dos cursos funciona em espaços que não são deles, tais como igrejas, escolas, universidades, entre outros;
- As propostas pedagógicas com o intuito de formar mentes críticas sobre a realidade local, os problemas políticos, sociais, a discriminação racial no país e fomentar a cidadania, além de preparar os alunos para o vestibular, para isso usam a disciplina de “Cultura e Cidadania”, existem na maioria dos PVP. (ZAGO, 2008)

Apesar de não haverem dados precisos da quantidade de PVP existentes no país “há estimativas, conforme dados de 2001, da existência de 800 núcleos em todo país, com maior representatividade na região sudeste.” (ZAGO, 2008, p. 152), mas até chegar nesse número de atuação houve uma longa caminhada. As primeiras experiências de Pré-Vestibulares Populares aconteceram nos anos 60 e 70 nos Diretórios Acadêmicos de universidades, eles começaram a criar cursinhos de baixo custo, onde os próprios graduandos lecionavam, mas essa iniciativa era restrita aos muros da universidade, não tinham uma grande visibilidade e conhecimento das pessoas de fora do meio acadêmico.

Desde os anos 1960 do século passado, e principalmente na década de 1970, os Diretórios Acadêmicos das universidades vinham criando cursinhos de baixo custo, no qual lecionavam os próprios alunos da graduação, uma aplicação interessante das verbas a eles reservadas, o que beneficiava duplamente os jovens mais necessitados – candidatos sem recursos para pagar mensalidades caras e alunos universitários pobres, carentes de dinheiro para se manter. (WHITAKER, 2010, p. 294)

Essas experiências foram o embrião para a criação de cursos populares com maior visibilidade e aderência, como temos hoje em dia. Os primeiros PVP para um público maior surgiram no Brasil, na segunda metade dos anos 80, mas sua consolidação deu-se na década de 90 do século XX. Os registros mais antigos vêm de 1986 do Rio de Janeiro com o curso Pré-Vestibular da Associação dos Funcionários da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ele preparava trabalhadores para as provas do vestibular. Em 1992, também no Rio, o curso Mangueira Vestibulares era destinado aos estudantes do Morro da Mangueira com o intuito de levá-los à universidade e construir uma consciência crítica a respeito da realidade local. Também em 1992, mas em Salvador, surge a Cooperativa Steve Biko, com a proposta de um curso pré-vestibular para apoiar e articular a juventude negra e periférica da região, levando-os para dentro das universidades. Em 1993 no Rio de Janeiro, mais precisamente na Baixada Fluminense, nasce o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) que chegou a ter mais de 80 núcleos espalhados pela região metropolitana do Rio de Janeiro (SANTOS, 2005). O PVNC também trabalha com a democratização do ensino e com um olhar mais específico para o público jovem, negro e periférico e é um dos PVP de mais repercussão no país, servindo de modelo para diversos outros. Outros PVP de grande reconhecimento no país são o Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO) e o Movimento dos Sem Universidade (MSU), que tem núcleos espalhados por diversas regiões.

Esses cursos têm lideranças bastante diversificadas. Uma parte é liderada pelo próprio Movimento Estudantil, outros por ONG's, alguns tem uma forte ligação com o Movimento Sindical e Comunitário e outros com o Movimento Negro. Apesar das variadas vertentes ideológicas, a democratização do ensino é a pauta principal de todos os PVP e isto os coloca na mesma luta social, mas esses diferentes modos de articulação já trouxeram cisão de alguns projetos, como no caso do PVNC e do EDUCAFRO (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes), entre os fundadores do PVNC estava o Frei David Raimundo dos Santos que defendia um formato eclesial, um outro grupo do pré queria uma instituição independente, com autonomia em relação a igreja, por esse motivo o Frei David saiu do PVNC e criou o EDUCAFRO mas, apesar das divergências, os dois grupos seguiram unidos pela questão racial.

Na luta pela democratização do ensino, o Movimento Social de Pré-vestibulares para Negros teve um importante papel de agente político, principalmente na luta pelas ações

afirmativas e a institucionalização das políticas de cota.

[...] as políticas de ação afirmativa são instrumentos de um processo de democratização, pois na democracia a política consiste na criação daquilo a que, necessariamente, todos devem ter acesso, criando os meios que assegurem esse acesso. As políticas de cotas que vêm sendo experimentadas por diversas instituições de ensino superior no Brasil inserem-se nesta lógica, pois através de um acesso diferenciado para negros, indígenas, estudantes pobres e estudantes oriundos de escolas públicas, o que propõe é uma recomposição (racial e social) das instituições e, com isso, a democratização dos direitos e a valorização, nas instituições e na sociedade, da multiplicidade de diferenças (étnico-raciais, sexuais, sociais, etc.), ajudando a constituir uma dinâmica em que as singularidades possam produzir e difundir a produção, trocar entre si, apreendem e aprendem culturas, diferenças, conhecimentos, valores, afetos, visões de mundo. (NASCIMENTO, 2012, p. 3)

Essa luta deu-se dentro de sala de aula, na preocupação de inserir na educação superior uma população que era excluída desse espaço, nas aulas com debates, textos e reflexões sobre identidade, questões raciais e exclusão e fora de sala com parcerias com universidades particulares para conseguir bolsas para seus alunos de baixa renda, com manifestações e manifestos sobre as ações afirmativas e participando politicamente de audiências públicas e reuniões na defesa das cotas. Um bom exemplo desse movimento de luta é o PVNC que já traz em sua Carta de Princípios que ação afirmativa é uma “ação coletiva de afirmação de identidade e luta por relações econômicas, políticas, sociais e culturais democráticas“ (Carta de Princípios, 1999, p. 4), deixando claro que eles acreditam e lutam pelas ações afirmativas.

O Movimento dos Cursos Pré-Vestibulares para Negros. Além de constituir a base concreta que, desde o início do debate sobre as cotas para negros no final da década de 1990, serve de referência aos proponentes das políticas de cotas, os Cursos Pré-Vestibulares para Estudantes Negros e Negras atuam ativamente no debate, posicionando-se em favor das cotas para negros e, mais do que isso, atuando politicamente, interna e externamente, através de aulas, textos, reuniões, acordos, palestras e debates, audiências públicas, ações judiciais, manifestações e manifestos, em que fundamentam suas posições, defendem, propõem, chamam a atenção do Estado e da Sociedade, denunciam e reivindicam direitos e políticas de ação afirmativa de acesso e permanência para estudantes de origem popular e negros(as). (NASCIMENTO, 2012, p. 4)

Encontrar dados sobre esse tipo de pré-vestibular não é fácil, não existem números certos,

pois “A produção bibliográfica sobre esses cursos é ainda reduzida, assim como não há informações sistematizadas sobre os seus resultados quanto ao acesso ao ensino superior de seus egressos. ” (ZAGO, 2008, p. 154). Por isso, torna-se necessário um estudo que mostre a quantidade de PVP existentes no país e o impacto que esse tipo de projeto causa na educação superior, na democratização do ensino e nas políticas públicas, como as ações afirmativas.

2.3. Rio das Pedras e os Pré-Vestibulares Populares

Como já dito anteriormente, o Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PNVC) teve, ao longo de sua história, diversos núcleos espalhados pela região metropolitana do Rio de Janeiro e um desses núcleos era localizado no Rio das Pedras. Apesar de não haver material bibliográfico que retrate esse núcleo e conte sua história, realizei uma entrevista com um antigo aluno e coordenador no PVNC do núcleo Rio das Pedras, que contou sua experiência e revelou alguns dados importantes, não só do PVNC, mas de outros pré-vestibulares comunitários que estiveram presentes nesse lugar. Seu nome será apresentado se forma abreviada para resguardar sua identidade.

A.,34 anos, estudou no PVNC Rio das Pedras no ano de 2003, mas relata que esse pré-vestibular teve início no ano de 2001. Antes de ter um núcleo no Rio das Pedras, o PVNC estava no Anil, um bairro próximo. O núcleo Anil teve início entre 1997 e 1998 e contava com alunos moradores do Rio das Pedras. Os primeiros alunos que passaram para uma universidade tiveram a ideia de montar uma filial do PVNC no próprio Rio das Pedras e fundaram o PVNC Rio da Pedras. Seu funcionamento era em um colégio municipal da região. Era noturno durante a semana e diurno nos fins de semana (sábados das 7h às 18h e os domingos de 8h às 14h) e tinha em torno de 50 alunos.

A. relata que eles davam grande importância à questão das aulas de cultura e cidadania, que era uma matéria obrigatória e tentava despertar o senso crítico dos alunos com o intuito de mudar a realidade dos locais onde estavam. Essa é uma característica do PVNC como um todo.

O objetivo da matéria CULTURA E CIDADANIA é realizar um amplo debate social-histórico, no sentido de potencializar as ações políticas e culturais dos educandos e educadores do PVNC. a partir/para valores humanitários e socialistas (solidariedade, igualdade e respeito aos seres humanos) e na perspectiva de desenvolver um trabalho de conscientização e formação de

militância para as lutas populares por democracia e justiça social. (Carta de Princípios, 1999, p. 13)

Professores e coordenadores eram voluntários, alguns ex-alunos do PVNC Anil e outros não. Um fato interessante que surgiu na entrevista foi que apesar de ser PVNC o número de negros era muito pequeno, provavelmente por ser uma comunidade com forte tradição nordestina, mas eles usavam essa pequena frequência para debater o racismo e o papel que pessoas não negras tem na sociedade, como elas podem apoiar e ajudar nas lutas raciais. O número de aprovados naquela época era muito pequeno e o índice de desistência dos alunos era muito grande, A. acredita que esses números baixos sejam creditados à excessiva carga horária de funcionamento do Pré-Vestibular.

Uma das propostas pedagógicas do PVNC Rio das Pedras era fazer grupos de trabalho com os alunos, eles eram divididos em grupos e ajudavam nas tarefas do projeto, como: um aluno representante ficava responsável de passar as informações da turma para os coordenadores e vice versa; equipe da biblioteca, organizava e cuidava dos livros; equipe da limpeza, organizava o modo de limpeza do espaço; equipe pedagógica fazia e organizava as chamadas e entregava para os coordenadores, entre outras equipes. Esse era um jeito de fazer os alunos se sentirem parte integrante do pré-vestibular e ajudar nas tarefas e sua manutenção, fazendo com que os coordenadores e demais voluntários não ficassem sobrecarregados de afazeres.

O núcleo do Rio das Pedras durou até o ano de 2010. Nesses nove anos houveram alguns obstáculos a serem enfrentados, pois a filial seguia a mesma ideologia do Pré-Vestibular para Negros e Carentes e da sua Carta de Princípios, um compilado de princípios, objetivos e regras. Nessa Carta de Princípios fica claro que tanto PVNC quanto todos os seus núcleos trabalham de forma laica e apartidária.

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) é um movimento de educação popular, laico e apartidário, que atua no campo da educação através da capacitação para o vestibular, de estudantes economicamente desfavorecidos em geral e negros(as) em particular. (Carta de Princípios, 1999, p. 4)

Essa postura trouxe problemas para o PVNC Rio da Pedras, pois a milícia local queria levar um candidato político ao pré-vestibular para fazer uma divulgação e eles rejeitaram, por ter muitos alunos e voluntários da comunidade os milicianos aceitaram a negativa, mas desde então a

comunicação com a Associação dos Moradores de Rio das Pedras e com os milicianos foi cortada. Um outro problema foi a anulação da lei 3945/95 em 2008 pelo prefeito Cesar Maia. Essa lei permitia o uso de salas de aulas do município para cursos Pré-vestibulares Comunitários, por isso outros núcleos do PVNC não tinham onde funcionar. Com a ajuda de dois ex-alunos, o PVNC Rio das Pedras passou a funcionar na igreja batista, mas por conta da religião essa parceria não funcionou muito bem. Ainda tentou-se um parceria e começo de comunicação com a Associação de Moradores, mas no final o PVNC Rio das Pedras não conseguiu prosseguir, pelos problemas com o espaço e por problemas internos de administração.

Concomitantemente, ao PVNC Rio das Pedras, surgiram outros Pré-vestibulares Comunitários em Rio das Pedras como no caso do Projeto Construindo o Saber (PCS), que em seu início (2006) oferecia aulas de reforço no Colégio Estadual CAIC Euclides da Cunha, mas no ano de 2007, devido à confusão formada pela falta de espaço o PVNC expandiu sua participação como curso Pré-vestibular. O PCS chegou a trabalhar em parceria com o PVNC em algumas situações, com uma feira de profissões feita em conjunto no ano de 2008, para alunos de ambos projetos e para a comunidade local. Outro PVP que atuava em Rio das Pedras era o EDUCAFRO que ficou na comunidade dos anos 2007 a 2009 e funcionava, também, no Colégio Estadual Euclides da Cunha, mas somente aos fins de semana, com uma proposta de “intensivão”. Eles tinham uma boa relação com a escola e com a comunidade e realizavam uma venda de livros usados para ajudar a manter a estrutura do seu pré-vestibular.

Alguns ex-voluntários do PVNC Rio das Pedras conseguiram a parceria com o Associação dos Moradores e criaram outro pré-vestibular comunitário o Projeto de Valorização da Educação (PROVE), que funcionava no colégio estadual CAIC Euclides da Cunha e na Associação dos Moradores de Rio das Pedras. Essa iniciativa durou de 2009 a 2011, mas devido à pouca quantidade de alunos e já ter um outro PVP funcionando em Rio das Pedras nessa época, o PCS, seus fundadores acharam melhor encerrar suas atividades, pois o PCS tinha um espaço melhor para atender os alunos e já tinha uma ONG, o que facilitava a arrecadação de doações e patrocínios. Atualmente, em 2017, existem dois PVP funcionando em Rio das Pedras, o Projeto Construindo o Saber e o Pré-Vestibular Social Professor Padre Tiúba, que começou seu funcionamento esse ano.

Capítulo 3: O Projeto Construindo o Saber – Núcleo Rio das Pedras

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. ”

(Paulo Freire)

3.1. Como nasceu o Projeto Construindo o Saber

Meu objetivo neste capítulo é contar um pouco da história do Projeto Construindo o Saber (PCS) e mostrar a importância dele, não apenas como Pré-Vestibular ou Pré-Técnico, mas como lugar de encontro, de formação de sujeitos críticos e conscientes, de espaço aberto para acolhimento e onde indivíduos vão estudar ou trabalhar, mas acabam construindo laços de amizades tão fortes que viram uma família.

Para nortear a pesquisa, usei como instrumento de coleta de dados a entrevista, feita através de um roteiro estruturado e de forma online. Como instrumento de análise utilizei pesquisa qualitativa documental, bibliográfica e de inferência de dados. Minha intenção, com isso, é contar a história do Projeto Construindo o Saber através da fala de quem esteve lá desde o início e entender a relação que o PCS tem com quem passa por lá. Para isso, realizei entrevistas com um dos fundadores, um voluntário que trabalhou no projeto desde o seu início, 3 voluntários atuais, 2 ex-alunos e 2 alunos atuais. A escolha desses sujeitos se justifica pelas histórias que eles têm dentro do projeto e por serem exemplos reais da luta pela democratização do ensino. Para fim de preservação de identidade usarei os nomes dos entrevistados de forma abreviada e as entrevistas completas se encontraram disponíveis nos apêndices ao final desse trabalho.

As práticas de reflexão sobre si, que oferecem as histórias de vida escritas centradas sobre a formação, comumente se apresentam como laboratórios de compreensão de nossa aprendizagem do ofício de viver num mundo móvel, globalmente não-dominado e, no entanto, parcialmente dominável na medida das individualidades, que se faz e se desfaz sem cessar e que põe em cheque a crença em uma “identidade adquirida”, em benefício de uma existencialidade sempre em obra, sempre em construção. (JOSSO, 2007, p. 431)

O Projeto Construindo o Saber (PCS) faz parte da ONG Eu penso no Futuro e tem três

núcleos: na Gávea, trabalhando com Pré-Técnico Comunitário; em Botafogo, também com Pré-Técnico Comunitário e no Rio das Pedras, com Pré-vestibular e Pré-Técnico Social. Minha pesquisa se restringiu a falar do PCS núcleo Rio das Pedras, pois foi o lugar que estudei e onde trabalho atualmente como voluntária, além de ser o lugar onde o projeto nasceu e depois se expandiu. Então quando eu mencionar o PCS daqui para frente estarei me referindo ao núcleo de Rio das Pedras.

O Projeto Construindo o Saber surgiu no ano de 2006, um dos seus fundadores, H. conta que por participar de projetos voluntários na igreja conheceu o Rio das Pedras e teve contato com o voluntariado de uma forma geral. Após ter passado no vestibular no ano de 2005, contente com sua vitória, decidiu retribuir ao mundo a boa educação que teve, dessa mistura de experiências e desejos surgiu a ideia de montar um projeto voltado para a educação que ajudasse jovens em situações não tão favoráveis quanto a dele. Essa ideia foi dividida com pessoas próximas e assim nasceu o Projeto Construindo o Saber.

No ano de 2006 já existia um pré-vestibular funcionado na comunidade, o PVNC núcleo Rio das Pedras, então H. foi até lá e conversou com seus coordenadores. Ele viu que a procura por esse tipo de curso ainda era baixa e resolveu começar o projeto com aulas de reforço para o Ensino Médio.

H. conhecia algumas pessoas no Rio das Pedras, uma delas estudou no colégio estadual CAIC Euclides da Cunha. Com esse contato H. foi até a direção da escola e conversou com a diretora da época, ela cedeu o espaço para que o projeto pudesse funcionar. Após conseguirem doações de material escolar e materiais de construção, iniciou-se o processo de reforma de uma das salas do CAIC, com a reforma pronta e alguns voluntários animados para trabalhar deu-se início as aulas de reforço para o Ensino Médio do Projeto Construindo o Saber.

A ideia original era oferecer aulas de reforço e de cultura e cidadania desde o primeiro até o terceiro ano. Essa ideia acabou mudando porque era coisa demais pra a gente conseguir organizar, e também porque era difícil o mesmo grupo do primeiro ano chegar até o terceiro no projeto. Muita gente naturalmente se mudava e deixava o projeto. Por outro lado, aqueles que iam até o final eu acho que compreendiam melhor a essência do projeto. Mas, como eu disse, era coisa demais pra a gente fazer e a gente decidiu focar em pré-vestibular e pré-técnico pra poder fazer o trabalho com mais qualidade. (Declaração de H.)

Pelos acontecimentos já citados anteriormente, como o caso dos Pré-vestibulares Comunitários que funcionavam em escola municipais perderem seu espaço de atuação, o projeto viu a oportunidade de expandir seu trabalho. No ano de 2007, deu-se início a turma de Pré-Vestibular e Pré-Técnico Comunitário, juntamente com as aulas de reforço. Essa estrutura manteve-se até o ano de 2009, quando uma crise financeira se estalou em escala global, fazendo o PCS perder o patrocínio que tinha na época, esse patrocínio era muito importante para o projeto, pois ajudava-o financeiramente a manter sua estrutura e seu funcionamento. As adversidades vindas com essa perda, aliadas com a dificuldade organizacionais de manter tantos voluntários e alunos e de encontrar pessoas que quisessem trabalhar voluntariamente, fez com que as aulas de reforço escolar acabassem, mas mantiveram-se o Pré-Vestibular e o Pré-Técnico. É com essa estrutura que o PCS funciona até os dias atuais.

[...] a gente não queria simplesmente ajudar as pessoas a passar no Vestibular. A gente queria ajudar as pessoas a agirem como transformadores. E a gente via o pré-vestibular como uma ferramenta importante nesse processo. Depois percebemos que o ensino técnico também poderia desempenhar um papel importante e expandimos para o pré-técnico. (Declaração de H.)

Perguntado por que escolheu o Rio das Pedras para fundar o PCS, H. conta que, além do contato que tinha com o lugar por conta de suas outras atividades comunitárias, também sentia-se especialmente ligado a favela, pois sua família é de origem nordestina e como a maior parte da população de Rio das Pedras também tem essa origem, esse fato fez com que ele tivesse um maior apego emocional com o lugar.

Além da entrevista com H., um dos fundadores do Projeto Construindo o Saber, também tive a oportunidade de realizar uma entrevista com A., um dos primeiros voluntários a trabalhar no PCS. A. conta que sua motivação para iniciar seu trabalho como voluntário no projeto foi por já ter estudado e trabalhado no PVNC núcleo Rio das Pedras e já entender a importância desse tipo de curso. Ele é morador do Rio das Pedras e diz que sua relação com a comunidade mudou depois de participar de projetos e trabalhos voluntários, antes ele queria sair da favela para morar em um lugar melhor, mas depois viu que poderia mudar o lugar onde ele morava para melhor e que poderia fazer isso através do seu trabalho voluntário com a educação.

Por muito tempo eu pensei que após me formar e melhorar de vida, deveria sair daqui para um lugar melhor. Isso devido ao descaso e falta de respeito das pessoas do local com os outros e com o próprio local. Mas após algum tempo atuando como voluntário nos projetos, percebi que era um pensamento egoísta e que era possível transformar a comunidade em que praticamente nasci (Vim do Hospital Miguel Couto direto para cá onde moro até então). E essa transformação era possível através da educação, talvez mudando a opinião ou mostrando outro ponto de vista para os que ainda pensam igual a mim. (Declaração de A.)

A importância do Projeto Construindo o Saber vai além das aprovações no vestibular conseguidas pelos alunos ao longo desses 11 anos, desde o início pensava-se que democratizar o ensino era importantíssimo, mas a mudança devia acontecer, também, em quem estava ali no projeto. Por isso, um dos diferenciais e norteadores do PCS eram as aulas de Cultura e Cidadania. Nessas aulas debatiam-se assuntos relevantes socialmente, conversava-se sobre a realidade e dificuldade dos alunos, fazia-se dinâmicas para melhorar a interação e mostrava-se os ideais do PCS, essas eram as aulas que mostravam o espírito do projeto e esperava-se que assim os alunos entendessem que mais que passar em uma prova e conseguir a aprovação em alguma universidade, queria-se que do PCS saíssem agentes transformadores do mundo.

A ideia básica era combinar preparação para o Vestibular, com atividades de formação humana, para refletir sobre o nosso papel enquanto cidadão. Pra isso a gente tinha as aulas de Cultura e Cidadania, e além disso a gente incentivava todos os professores - independente da sua matéria - a estimular o senso crítico dos alunos em suas aulas. (Declaração de H.)

Com isso podemos ver que o Projeto Construindo o Saber foi pensado e criado para que jovens de classes populares pudessem ter uma maior chance de ingressar em alguma universidade e que pudessem se conscientizar e problematizar a sociedade em que eles estavam inseridos, pois “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. ” (FREIRE, 2016a, p. 38). Essa intenção deu certo, pois agora o corpo de voluntários é feito basicamente de ex-alunos, os fundadores tiveram que se desligar e as pessoas que estudaram lá entenderam a relevância social desse trabalho e deram continuidade, embora ainda tenham alguns poucos voluntários que estão presentes esses 11 anos no PCS, sempre procura-se passar para os alunos que a continuidade do trabalho depende deles

voltarem como voluntários ou ajudar a sociedade de alguma outra maneira.

Esse astral que tem o PCS, faz com que quem passe por lá seja tocado de alguma maneira. Um exemplo disso é a resposta de H. quando perguntado se tinha alguma lembrança marcante do PCS:

Tenho várias. Toda vez que eu encontro com algum antigo voluntário do Projeto sempre sai alguma conversa de como essa experiência foi importante nas nossas vidas e na nossa formação. A experiência no projeto me ensinou a colaborar, a trabalhar em equipe, e me mostrou a força que um propósito claro, genuíno, tem de mobilizar as pessoas. Também me ensinou a ver a vida sempre de uma positiva, me ensinou a “ver o copo sempre meio cheio, ao invés de meio vazio”. E eu acho que cada voluntário que passa ali, em qualquer tempo, é igualmente fundador do projeto tanto quanto os primeiros voluntários. Projetos como o PCS são um mecanismo vivo, com as características das pessoas que estão ali naquele momento. Então todo dia é uma fundação nova. (Declaração de H.)

Foi nesse projeto que eu estudei e é nesse projeto que atuo hoje como voluntária. Apesar de, por vezes, ser muito trabalhoso ou estressante, estar ali e fazer parte disso é algo gratificante. Quando voltei como voluntária tinha o pensamento de retribuir um pouco de tudo que ganhei do próprio PCS e de estar com os meus amigos fazendo algo pela minha comunidade. Hoje, como futura pedagoga, vejo que o que estamos fazendo ali é um ato político, social e cívico. Ajudando pessoas de classes populares a ingressar nas universidades damos oportunidade delas melhorarem de vida, mas conscientizando pessoas sobre lutas sociais, democratização de ensino, desigualdade social, formação humana, entre outros assuntos, damos a oportunidade de uma mudança social concreta e justa.

3.2. Voluntariado

A maior parte do voluntariado, cerca de 90%, é feita de ex-alunos universitários que passaram no vestibular e voltaram para ajudar no projeto, mas existem pessoas que não estudaram lá e conheceram-no de outra forma, mas que gostaram da proposta e aceitaram o trabalho voluntário. Atualmente, trabalham em média 60 pessoas no PCS, entre professores, inspetores, monitores e coordenadores, tanto no Pré-Vestibular quanto no Pré-Técnico.

O projeto funciona com aulas de segunda a sábado e no último domingo do mês com

simulados UERJ, ENEM e de Escolas Técnicas. As aulas acontecem de segunda a sexta, das 18:50h às 22:00h para o Pré-Vestibular e aos sábados, das 8h às 18:30h o espaço é dividido entre Pré-Vestibular e Pré-Técnico.

O Pré-Técnico tem aulas de Português, Matemática e Cultura e Cidadania, por isso o número de pessoas trabalhando neste núcleo é menor. O Pré-Vestibular tem aulas de todas as matérias lecionadas no Ensino Médio (Português, Matemática, Física, Química, Biologia, Redação, Literatura, Geografia, História, Sociologia e Filosofia), além das aulas de Cultura e Cidadania. Os dois núcleos, também, têm monitorias aos sábados.

Os professores e coordenadores também são divididos entre Pré-Vestibular e no Pré-Técnico. No Técnico existem três coordenações: a Coordenação Pedagógica, que faz o acompanhamento do aluno; a Coordenação de Ensino, que dá suporte aos professores e monitores e confecciona os simulados e a Coordenação de Núcleo do Pré-Técnico, que é encarregada da comunicação com o restante do projeto.

Já no Pré-Vestibular existem duas coordenações: a Coordenação Pedagógica, faz o acompanhamento do aluno, dá suporte aos professores e monitores e confecciona os simulados e a Coordenação de Núcleo do Pré-Vestibular, que é encarregada da comunicação com o restante do projeto. Para unir os dois núcleos e se comunicar com a ONG, ainda existe no PCS a Coordenação Geral do Projeto.

Para tentar capturar a visão que os voluntários têm desse trabalho e do Projeto Construindo o Saber, realizei uma entrevista online com Ka., coordenadora geral do projeto, Am., professora de português do Pré-Vestibular e Al., inspetor do projeto aos sábados. Todos trabalham atualmente no PCS, Ka. e Al. são ex-alunos e Am. conheceu o projeto por meio de uma ex-aluna, mas não estudou no local. As falas de Ka. e Al. mostram a visão que é passada para os alunos de voltar ao projeto e ajudar, criando-se assim uma gestão orgânica.

O Projeto e seus voluntários conquistaram meu carinho e admiração no tempo em que fui aluna. Sempre foi apresentado para nós alunos a importância daquele trabalho para todos os envolvidos e o quanto o mesmo afetava diretamente a vida de seus alunos. Quando fui aprovada, não restava nenhuma dúvida de que voltaria como voluntária. Não só pelo o que me foi demonstrado pelos voluntários, fundamentais para a minha formação, ou só pelo sentimento de retribuição, mas principalmente por querer continuar mudando a vida de muitas

pessoas, que assim como eu, deveriam ter a oportunidade de ter um ensino melhor que não nos foi oferecido na rede pública. (Declaração de Ka.)

Eu decidi fazer parte do time de voluntários porque o projeto sempre funcionou e funciona ainda através do voluntariado, ele só continua existindo porque os ex-alunos voltam para fazer por alguém o que um dia fizeram por eles, e eu quis fazer parte do motor que continua fazendo o projeto se manter ativo. Esse é meu primeiro ano como voluntário. (Declaração de Al.)

Outro ponto de destaque nas entrevistas foi a visão do PCS buscar mais do que a aprovação no vestibular. Tenta-se, ao longo de todos esses anos, que o projeto seja um lugar de encontros, de amizade, de descoberta, de reflexão. Um lugar onde o aluno sinta-se à vontade para falar sobre suas vitórias e suas angústias, um lugar onde os voluntários sintam-se bem e gostem de trabalhar. Apesar de haverem alguns problemas e desavenças, acredito que a maior parte das pessoas se sentem assim no PCS e essa sensação, aliada a consciência da importância desse curso na vida de várias pessoas, leva aos alunos a quererem voltar e ajudar e leva aos voluntários que passam pelo projeto um enorme orgulho de poder fazer parte dessa história.

Eu sempre achei e continuo achando que o projeto está muito além de uma aprovação no vestibular, na minha vida por exemplo, ele atuou como agente transformador, e acredito que aconteça da mesma forma com a parte da comunidade que ele atende. O projeto propaga amor. (Declaração de Al.)

O trabalho voluntário, por vezes, é desgastante e desafiador. Como a maior parte dos voluntários são universitários, eles têm várias atribuições, alguns estudam e trabalham, mas eles sempre tentam dar o melhor naquilo que fazem, nem sempre é possível, mas a vontade é de sempre acertar e acrescentar o máximo que puder a vida dos alunos e a própria vida com os ensinamentos que se tira desse lugar.

Sempre tentei me dedicar ao máximo ao meu trabalho no PCS, mas a vida de universitária nem sempre nos permite. Porém, acredito que assim como o meu, o trabalho dos demais voluntários que estão ou que já passaram pelo Projeto foram e são fundamentais para ainda conseguirmos manter esse trabalho. Com um propósito não apenas educacional, mas social também, tenho certeza que meu trabalho pôde ajudar de alguma forma a vida de muitas pessoas que passaram por lá. Sinto-me muito orgulhosa por esses quase 4 anos de voluntariado, onde pude crescer como pessoa e como profissional. Com altos e baixos, o trabalho voluntário se fez essencial na minha vida. (Declaração de Ka.)

Meu trabalho dentro de sala de aula demanda mais planejamento do que por vezes eu dedico. Mesmo assim, é um momento de troca de informações e estratégias de vida e tenho a impressão de que eu os alunos criamos oportunidades de desenvolvimento, seja humano ou acadêmico. Ainda que acabe sofrendo as atribuições de outras partes da minha vida, meu trabalho em sala de aula é muitas vezes uma fonte de energia para o resto. (Declaração de Am.)

Como voluntária do projeto por 4 anos, comecei a trabalhar voluntariamente no ano de 2013, após conseguir a aprovação para cursar pedagogia na UNIRIO, posso afirmar que não é o trabalho mais fácil do mundo, mas é muito gratificante. Costumamos brincar que nosso salário é pago quando um aluno passa no vestibular ou quando ele volta para trabalhar conosco. Mas acredito que nosso “salário” é pago com todo o aprendizado que conseguimos com os alunos, com os outros voluntários. Eu voltei para retribuir um pouco do que ganhei, mas voltei, também, porque me senti acolhida, abraçada, amada, compreendida e se um aluno sentir metade do que eu sinto esse trabalho valeu a pena. Construimos uma família no PCS e tenho muito orgulho de fazer parte dela.

3.3. Alunos e Ex-alunos

O Projeto Construindo o Saber funciona com 120 vagas para os alunos, 60 vagas para o Pré-Vestibular e 60 vagas para o Pré-Técnico, e cada núcleo divide seus alunos em duas turmas. Essas vagas são preenchidas todos os anos por meio de processo seletivo que é constituído por prova e entrevista feitas pelos próprios voluntários no início de cada ano. Normalmente o processo seletivo do Pré-Vestibular acontece primeiro, no mês de janeiro, pois a divulgação é mais simples (divulgação online, visitas a algumas escolas e a recomendação popular) e a procura é maior, já que o vestibular é mais falado e mais almejado socialmente. As escolas técnicas são pouco conhecidas e divulgadas para os alunos do Ensino Fundamental, então a divulgação do Pré-Técnico é mais efetiva quando feita nas Escolas Municipais, os voluntários vão até as escolas nos primeiros dias de aula para explicar o que são as Escolas Técnicas e falar um pouco sobre o PCS, por isso o processo seletivo do Pré-Técnico acontece depois que são iniciadas as aulas regulares das Escolas Municipais do Rio de Janeiro.

O perfil de alunos que o projeto busca são os pertencentes às classes populares e de baixa renda, estudantes de escolas públicas ou bolsistas em escolas particulares, alunos do 3º ano ou já

formados no ensino médio para o Pré-vestibular e alunos do 9º ano do ensino fundamental para o Pré-Técnico. A maioria dos nossos alunos reside em Rio das Pedras, mas nossa área de atuação se expandiu muito ao longo dos anos e chegamos a ter alunos residentes de várias áreas de Jacarepaguá.

Os alunos que passam pelo PCS, normalmente, desenvolvem uma ligação especial com o projeto e para exemplificar essa relação realizei uma entrevista online G., ex-aluna do Pré-Vestibular nos anos de 2010, 2011 e 2012, B. Ex-aluna do Pré-Técnico no ano de 2007 e E. e K. alunos atuais (2017) do Pré-Vestibular. Infelizmente não consegui entrevistar alunos atuais do Pré-Técnico.

O ano do vestibular costuma ser marcado por ser um período de muito estudo, muita dificuldade e muito aprendizado. Juntar esse período com a participação em um Pré-Vestibular Popular faz com que esse aprendizado vá além das matérias necessárias para se fazer uma prova, aprendemos muito sobre nós mesmo, nossos medos, descrenças, limites, superações e aprendemos a olhar a vida por outro ângulo, a ter uma visão mais crítica e realista da sociedade. O Projeto Construindo o saber, também faz com que aprendamos muito sobre amizade, apoio e a não desistir dos nossos sonhos e vontades.

Pessoas advindas das classes populares costumam ter mais dificuldade de entrar no Ensino Superior, primeiro porque, muitas vezes, fazer uma faculdade é um sonho distante, é quase inatingível, pertencente as elites. Depois vem o ensino deficitário que se tem nas escolas públicas e a falta de capital cultural, o que faz que passar nessas provas seja muito mais difícil e exija muito mais esforço para esses sujeitos. Projetos e Pré-vestibulares, como o PCS, fazem com que esse sonho seja mais real e nos dá uma chance verdadeira de ingressar em algum curso superior. Esse fato fica claro na fala de G. Quando perguntada da importância do PCS para a entrada na universidade e para a sua vida

Para a universidade: ajuda jovens com renda baixíssima. Fez muitos jovens serem os primeiros de suas famílias à ingressarem em universidades públicas e bolsas de até 100% em universidades privadas. Deu e dá chances para aqueles que precisam de um empurrão na educação e força psicológica de forma amigável e madura entre professores e alunos, tratando como pessoas capazes de realizar seus sonhos e não números de aprovados para gráficos. O projeto me marcou muito, pois lá eu me sentia muito acolhida e respeitada em minhas dificuldades em matérias, em ser "crua" com a questão da universidade, mundo de vestibular, essas coisas. Mostrou o quão é possível, quando se tem amor,

vontade e respeito para com o próximo! É possível obter resultados de sonhos. (Declaração de G.)

Em relação as escolas técnicas e federais, como já colocado anteriormente, nem é um sonho passar para elas, pois não se tem o conhecimento dessas escolas. Então, quando o PCS vai às escolas e apresenta essa possibilidade, ele está fazendo mais do que dar instrumentos para os alunos passarem nas provas, na verdade ele está dando a oportunidade de conhecimento de outras opções além do ensino regular e é a única coisa que a maioria deles conhecem.

[...] sem o projeto eu não saberia da existência de escolas federais ou escolas técnicas, conhecia as escolas do município, as escolas particulares e só. No projeto aprendemos mais que as matérias de humanas e exatas ou matérias para passar no vestibular. O que aprendemos no projeto, nos debates que temos em aulas contribuem para a nossa vida, para o que a gente é, para os conceitos que temos e que vamos levar na nossa vida. (Declaração de K.)

O PCS foi peça fundamental na minha entrada pra uma escola técnica. Eu não sou nascida do Rio, minha família é nordestina e apesar de morar no Rio desde 2004, na época eu não tinha conhecimento sobre essa possibilidade de fazer um ensino médio junto com um curso técnico, que me daria a oportunidade de sair encaminhada para o mercado de trabalho. Então, eu estou certa em dizer que foi graças às portas que o PCS abriu que eu consegui chegar aonde estou e me fez querer cada vez ir mais além. (Declaração de B.)

Um fato que observo desde que era aluna e ficou mais evidente para mim depois que me tornei voluntária é o alto número de alunos que fazem o Pré-Vestibular por mais de um ano. Eu mesma fiz o Pré-Vestibular por 3 anos até conseguir minha aprovação. Isso não é muito recorrente no Pré-Técnico, geralmente quando os alunos não conseguem uma aprovação, eles seguem no ensino regular e não voltam para tentar o técnico, mas no núcleo do Pré-Vestibular essa é uma prática recorrente. Acredito que isso deva-se ao fato do ensino deficitário a qual temos acesso na escola pública, mas também acontece porque temos muito baixa auto-estima e crença na nossa capacidade de passar nessas provas. O índice de desistência dos alunos após a primeira prova de classificação da UERJ é muito alto, pois quando eles veem a dificuldade da prova e, normalmente, a nota baixa que tiraram, acham que não tem chances reais de passar. Essa é uma realidade muito triste, mas é uma realidade.

Uma matéria publicada na Folha de S.Paulo de 18 de agosto de 2002, apoiada em dados do vestibular de universidades públicas do Rio de Janeiro e São Paulo (Universidade de São Paulo – USP, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), argumenta que a baixa auto-estima faz estudantes de escolas públicas desistirem de entrar na universidade antes mesmo de tentar o vestibular. Acrescenta a matéria que “o fenômeno, conhecido por educadores estudiosos do assunto como auto-exclusão, acentuou-se nos últimos anos, apesar do aumento significativo do número de alunos formados no ensino médio público” (Folha de S.Paulo, 2002). Na pesquisa realizada nota-se, com certa frequência, que quando a previsão do fracasso não se confirma e o estudante é aprovado no primeiro vestibular, ou mesmo após outras tentativas frustradas, não raro ele duvida de sua capacidade e atribui o resultado obtido à ocorrência de “uma chance”, “uma sorte”. (ZAGO, 2006, p.231)

Para passar por todos esses obstáculos e ter a força necessária para encarar o ano do vestibular e depois, quando finalmente conseguimos a aprovação e entramos no Ensino Superior, onde começa outra fase da batalha, precisamos de muito apoio, de muito entendimento e de sentirmos que estamos fazendo o certo, estamos fazendo a diferença. Nessas horas contamos com nossas famílias e nossos amigos, seria impossível passar por toda essa jornada sem criar vínculos com todos os voluntários que estão ali, disponibilizando seu tempo para ajudar, e com os alunos que estão ali batalhando para entrar numa universidade e tentar modificar sua vida. E nesse encontro e apoio mútuo que o PCS ganha vida, mostra sua importância e se fortalece.

Lembro de todos os voluntários com muito carinho e orgulho porque a maioria vinha de longe e abria mão do seu fim de semana para estar ali, compartilhando o conhecimento deles conosco. Sou muito grata a todos que fazem e fizeram parte desse projeto. (Declaração de B.)

Situações marcantes tenho muitas! Amizades, conversas de superação quando não se passa de primeira no vestibular. É muito estudo! Estudei mais em 3 anos de projeto do que em anos de escola. Aprendi que tudo o que você emana, volta e quando se tem amor, vem mais bonito o resultado. (Declaração de G.)

Eu estudei no Projeto Construindo o Saber por 4 anos, 1 ano nas aulas de reforço e 3 no Pré-Vestibular e trabalho como voluntária há 4 anos. São 8 anos da minha vida participando efetivamente do projeto. Como aluna, estudei muito, aprendi diversas coisas, dei muitas risadas, chorei bastante, fiz grandes amigos, passei muito mal antes das provas e finalmente consegui uma

aprovação. Como voluntária, ri muito, me estressei bastante, briguei, refleti, entendi sobre movimentos sociais, política e lutas sociais, participei de inúmeras reuniões, trabalhei bastante e por fim não consegui dar adeus. Todos os anos penso em sair do projeto, me dedicar a outros trabalhos voluntários, usar esse tempo para fazer algum curso ou para simplesmente ter um pouco de tempo para mim, mas todos os anos o projeto me puxa, todas as vezes que um aluno passa e nosso coração enche de alegria, todos os encontros fora do PCS que juramos que não vamos falar sobre o trabalho e no final estamos todos discutindo uma solução para algum problema. Todas as vezes que vejo a importância que o projeto tem, não consigo sair e juro para mim mesma que será só mais aquele ano, assim já se vão 4 anos.

Acredito que todo esse amor que eu tenho seja compartilhado com muitos outros que estudam, trabalham ou que passaram por ali. O que fazemos é especial, e é uma grande honra participar ativamente. Como diz nosso lema: *“Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos”*, seguimos bons e seguimos juntos.

Considerações Finais

O Projeto Construindo o Saber está passando, atualmente (2017), por uma fase de reestruturação. Estamos nos desligando da ONG Eu Penso no Futuro e procurando outros jeitos de continuar existindo. Estamos fazendo, também, uma reestruturação no nosso modo de funcionamento, tentando sair de uma metodologia conteudista, de várias horas de aula seguidas, para termos uma formação mais qualitativa, onde os alunos possam ter mais espaço para falar, refletir, participar de debates, ver filmes, enfim, onde ele possa pensar nele e no mundo, porém não esquecendo nosso intuito de que ele chegue ao Ensino Superior.

Fizemos essa mudança junto com todos que estão no projeto atualmente, alunos e voluntários, através de reuniões onde debatemos as possíveis mudanças e como isso afetaria o PCS. Por enquanto, ficou decidido que Cultura e Cidadania não será só mais uma matéria, mas um projeto integrado com todas as disciplinas e aos sábados à tarde não haverá mais aula para o Pré-Vestibular, será feito essa integração de alunos e voluntários através de Cultura e Cidadania. Apesar de começarmos devagar, pretendemos estender essas discussões e análises com os alunos durante todo o ano de 2018, para deixarmos o PCS cada vez mais acessível aos alunos e as suas reais necessidades, através de uma gestão democrática e participativa.

Escrevendo este trabalho, também ficou claro a necessidade de termos documentos ou cartas de apresentação que contém a história do projeto e seu modo de funcionamento, sua estrutura, uma contabilidade de números de alunos aprovados, pois, mesmo sendo voluntária do PCS há anos, tive dificuldade de contar a história dele com riqueza de detalhes e não encontrei nenhum documento escrito que pudesse me auxiliar. Nossas histórias e modo de operação são conhecidos e passados de forma oral, mas para não perdemos detalhes importantes vejo a necessidade da documentação desses fatos.

Ao escrever, senti uma forte emoção e sensação de orgulho. Relembrar toda a minha trajetória e pensar no que vem daqui para frente me amedrontou, mas me deixou muito feliz por tudo que já conquistei e por tudo o que o projeto conquistou. As entrevistas, também me trouxeram o sentimento de que estamos no caminho certo e que as suposições que eu fazia a respeito da grandeza do PCS estavam certas.

Lutar pela democratização do ensino não é fácil, e se pudéssemos escolher, preferiríamos que o PCS não existisse, pois ele só é necessário pela desigualdade existente na sociedade e pela precariedade do ensino no País, mas como a realidade brasileira é essa, esperamos que o PCS ajude vários jovens a ingressar no Ensino Superior, a ter uma visão mais crítica da sociedade e a contribuir, da melhor forma possível para democratizar o ensino.

Uma efetiva democratização da educação requer certamente políticas para a ampliação do acesso e fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, mas requer também políticas voltadas para a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino. (ZAGO, 2006, p. 228)

Sinto que ao escolher cursar Pedagogia posso lutar pela educação na sua base e ao participar deste Pré-Vestibular posso lutar pela democratização de ensino para aqueles que não puderam ter acesso há uma educação de qualidade. Viver é resistir e trabalhar com educação é um comprometimento político, pessoal e social de esperança na evolução da sociedade.

]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVELINO, Bianca Correa et al. **AXÉ, PAZ E BEM: UM OLHAR SOBRE A EDUCAFRÓ.** São Paulo: FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO, 2009. 16 p. Disponível em: <http://www.fespsp.org.br/sic2012/papers/2009/SIC_Thais_et_al.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O QUE É EDUCAÇÃO POPULAR.** [S.l.: s.n.], 2006. 61 p. Disponível em: <<http://ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

BRITO, Vanessa Silveira de; GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **O PVNC na perspectiva dos egressos.** [S.l.]: O Social Em Questão, 2017. 193-210 p. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_37_art_10_Brito_Goncalves.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2017.

BURGOS, Marcelo Baumann (organizador). **A utopia da comunidade:** Rio das Pedras, uma favela carioca. Loyola. ed. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2002. 249 p.

CANO, Ignacio. **Seis por Meia Dúzia?:** um estudo exploratório das chamadas 'milícias' no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: H. Boll, 2008. 48-83 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000079&pid=S0104-4478201100030000300003&lng=pt>. Acesso em: 03 ago. 2017.

CAVALCANTI, Rafaela Silveira. **O centro de atividades comunitárias esperança do futuro (cacef) e a trajetória de uma jovem carioca.** 2014. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/RAFAELASIVEIRACAVALCANTI.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016

CAVALLIERI, Fernando; VIAL, Adriana. **Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no Censo 2010.** Rio de Janeiro: IPP/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2012. 20 p. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download%5C3190_FavelasnacidadedoRiodeJaneiro_Censo_2010.PDF>. Acesso em: 10 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, [2016a]. 110 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 60ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [2016b]. 284 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes.** 55ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. 143 p.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.**

Porto Alegre/RS: [s.n.], 2007. 413-438 p. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência***. Universidade de Barcelona/Espanha: [s.n.], 2002. 19-29 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2016

LARROSA, Jorge. **Palavras desde o limbo.**: Notas para outra pesquisa na Educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa na Educação(*) . [S.l.]: Revista Teias, 2012. 287-298 p. v. 13. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24265>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

MACIEL, Karen de Fátima. **O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular**. Viçosa: Educação Em Perspectiva, 2011. 326-344 p. v. 2. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoem perspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/196/70>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MONTEIRO, Simone. **Desvendando Dinâmicas Locais: o caso da Favela Rio das Pedras**. Rio de Janeiro: Physis: Revista de Saúde Coletiva, 2004. 395-423 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312004000200012>. Acesso em: 16 jun. 2017.

NASCIMENTO, Alexandre do. **O MOVIMENTO DOS CURSOS PRÉ-VESTIBULARES PARA NEGROS E A POLÍTICAS DE COTAS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR**. João Pessoa: Cadernos Imbondeiro, 2012. 9 p. v. 2. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ci/article/view/14182>>. Acesso em: 26 maio 2017.

ONLINE, O. Globo. Prefeitura do Rio proíbe que escolas públicas abriguem pré-vestibulares gratuitos de ONGs. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 22 set. 2006. Sociedade. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/prefeitura-do-rio-proibe-que-escolas-publicas-abriguem-pre-vestibulares-gratuitos-de-ongs-4558832>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

PVNC: Pré-Vestibular para Negros e Carentes. **Carta de Princípios**. Rio de Janeiro. 1999. Pdf.

RAMALHO, Sérgio. Rio da Pedras: de região bucólica a reduto da mais antiga milícia: Favela com cerca de 63 mil habitantes começou a surgir na década de 60. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 20 out. 2013. Assuntos em destaque. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/rio-da-pedras-de-regiao-bucolica-reduto-da-mais-antiga-milicia-10439837>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

RITTER, Juliana. **Rio das Pedras: Uma Visão Geral da Movimentada Favela da Zona Oeste**. 2017. Disponível em: <<http://riononwatch.org.br/?p=23886>>. Acesso em: 24 ago. 2017.

SANTOS, Renato Emerson dos. **A Difusão do Ideário Anti-Racista nos Pré-Vestibulares para Negros e Carentes**. Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas. ed. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005. 225-244 p. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes_afirm_combate_racismo_americas.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SANTOS, Sales Augusto dos (Organizador). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005. 394 p. v. 5. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes_afirm_combate_racismo_americas.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SILVA, Geraldo. **ReFavela (notas sobre a definição de favela)**. UFRJ. ed. [S.l.]: LUGAR COMUM, 2013. 37-43 p. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110906130223ReFavela%20notas%20sobre%20a%20defini%C3%A7%C3%A3o%20de%20favela%20-%20Gerardo%20Silva.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2017.

SILVA, R. T. da. **Pré-vestibular comunitário da Rocinha: a latência da racialidade na tensão entre as estratégias reguladoras e as táticas subversivas**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 28., 2005, CaxambU, M.G. Anais eletrônicos... CaxambU, MG: ANPEd, 2005. GT 03 — Movimentos Sociais e Educação. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/Gt03.Htm>>. Acesso em: 21 abril 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Territórios das escritas do eu: pensar a profissão - narrar a vida**. Porto Alegre/RS: [s.n.], 2011. 213-220 p. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8707>>. Acesso em: 29 out. 2016.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: Um desafio para a Orientação Profissional**. [S.l.]: Revista Brasileira de Orientação Profissional, 2010. 289-297 p. v. 2. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200013>. Acesso em: 14 jul. 2017.

ZAGO, Nadir. **Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas**. Florianópolis: PERSPECTIVA, 2008. 149-174 p. v. 26. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p149/9569>>. Acesso em: 03 maio 2017.

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior: percurso dos estudantes universitários de camadas populares***. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação Em Educação: Revista Brasileira de Educação, 2006. 226-370 p. v. 11. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2017.

ZAGO, Nadir. **PRÉ-VESTIBULAR POPULAR E TRABALHO DOCENTE: CARACTERIZAÇÃO SOCIAL E MOBILIZAÇÃO**. [S.l.]: Revista Contemporânea de Educação, 2009. 253-274 p. v. 4. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/artigos/n8/numero8-03_pre_vestibular_popular_e_trabalho_docente_caracterizacao_social_e_mobilizacao.pdf>. Acesso em: 05 maio 2017.

APÊNDICE A:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM OS PRIMEIROS
VOLUNTÁRIOS DO PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

- 1) Como surgiu a ideia de montar um projeto social voltado para a educação?
- 2) Como foram os primeiros passos para o surgimento do Projeto Construindo o Saber?
- 3) Por que escolher o Rio das Pedras como área de atuação? Tem alguma ligação com o lugar?
- 4) Qual a maior dificuldade enfrentada durante este percurso?
- 5) O PCS foi mudando ao longo do tempo e estendendo seu funcionamento de aulas de reforço, para Pré-Vestibular e Pré-Técnico. Como isso aconteceu?
- 6) Ainda tem alguma ligação com o PSC? Se sim, qual?
- 7) Tem alguma lembrança marcante do PCS?
- 8) Você tem algum material do PCS? Em caso positivo, poderia emprestar para a pesquisa e devolvemos posteriormente.

APÊNDICE B:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM O VOLUNTARIADO DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

- 1) Quando e como conheceu o PCS?

- 2) Por que decidiu trabalhar lá como voluntário? Está a quanto tempo no PCS?

- 3) Qual a sua visão sobre o PCS?

- 4) Qual a sua visão sobre o seu trabalho no PCS?

- 5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

APÊNDICE C:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM ALUNOS E EX-ALUNOS DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

- 1) Quando e como conheceu o PCS? Quanto tempo ficou no PCS? Estudo no Pré-Vestibular, no Pré-Técnico ou em ambos?
- 2) Conseguiu aprovação para alguma universidade ou escola técnica, qual? Que curso?
- 3) Você trabalhava e estudava?
- 4) Qual a contribuição do PCS para a entrada na universidade? E para a sua vida?
- 5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

APÊNDICE D:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM OS FUNDADORES DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

H.

- 1) Como surgiu a ideia de montar um projeto social voltado para a educação?

É difícil dizer quando a ideia do projeto surgiu exatamente. Mas posso dizer quais foram as principais experiências que eu tive e que me levaram até essa ideia.

Eu comecei a participar de projetos voluntários na adolescência, quando eu frequentava a paróquia Nossa Senhora de Loreto, na Freguesia. Foi por conta das atividades paroquiais que eu conheci o Rio das Pedras e conheci o voluntariado de uma forma geral.

Depois, quando passei no Vestibular em 2005, estava muito feliz e com vontade de retribuir ao mundo o acesso a educação que tive. Era uma vontade dessas de adolescente que quer mudar o mundo. E quando dividi a ideia com algumas pessoas próximas, a gente viu que dava realmente pra fazer alguma coisa, e aí a ideia do projeto realmente ganhou vida. Falei primeiro com familiares e amigos também frequentadores da paróquia. Depois vieram os amigos desses amigos, e a coisa ganhou forma.

- 2) Como foram os primeiros passos para o surgimento do Projeto Construindo o Saber?

Na verdade essa é uma história muito curiosa. A gente chegou até o CAIC por indicação do Cristiano Matos. Ele havia estudado lá e nos apresentou pra direção da escola. Depois que conseguimos o espaço no CAIC, conseguimos doações de material escolar e material de construção para reformar uma das salas. E a gente foi reformando pouco a pouco, convidando mais gente - não só do Loreto mas de outros lugares. Anos depois, o Cristiano veio a ser aluno do projeto, e depois voluntário do projeto.

- 3) Por que escolher o Rio das Pedras como área de atuação? Tem alguma ligação com o lugar?

Cada um tinha a sua própria ligação com o Rio das Pedras. Eu vim a conhecer por conta de outras atividades comunitárias, e me sentia especialmente ligado a comunidade porque, assim como muitos no Rio das Pedras, eu também sou de família nordestina. Minha mãe é nascida em Souza, na Paraíba, e se mudou pro Rio por volta dos 25 anos de idade. Acho que trabalhar ali de alguma forma me conectava com as minhas origens e isso me animava mais do que trabalhar em outros lugares.

- 4) Qual a maior dificuldade enfrentada durante este percurso?

O primeiro ano foi especialmente difícil porque éramos poucos voluntários. Então quando alguém tinha que faltar o projeto por alguma razão, a gente tinha um trabalho adicional pra não deixar o pessoal sem aula. Era também todo mundo muito novo e a gente não sabia direito como organizar as coisas. A gente foi aprendendo fazendo, e errando.

- 5) O PCS foi mudando ao longo do tempo e estendendo seu funcionamento de aulas de reforço, para Pré-Vestibular e Pré-Técnico. Como isso aconteceu?

A ideia original era oferecer aulas de reforço e de cultura e cidadania desde o primeiro até o terceiro ano. Essa ideia acabou mudando porque era coisa demais pra a gente conseguir organizar, e também porque era difícil o mesmo grupo do primeiro ano chegar até o terceiro no projeto. Muita gente naturalmente se mudava e deixava o projeto. Por outro lado, aqueles que iam até o final eu acho que compreendiam melhor a essência do projeto. Mas, como eu disse, era coisa demais pra a gente fazer e a gente decidiu focar em pré-vestibular e pré-técnico pra poder fazer o trabalho com mais qualidade.

- 6) Ainda tem alguma ligação com o PSC? Se sim, qual?

Em 2012 eu me mudei do Rio e ficou impossível acompanhar o dia a dia do

projeto. Minha ligação no momento é apenas emocional S2. =)

7) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

Tenho várias. Toda vez que eu encontro com algum antigo voluntário do Projeto sempre sai alguma conversa de como essa experiência foi importante nas nossas vidas e na nossa formação. A experiência no projeto me ensinou a colaborar, a trabalhar em equipe, e me mostrou a força que um propósito claro, genuíno, tem de mobilizar as pessoas. Também me ensinou a ver a vida sempre de uma positiva, me ensinou a “ver o copo sempre meio cheio, ao invés de meio vazio”.

E eu acho que cada voluntário que passa ali, em qualquer tempo, é igualmente fundador do projeto tanto quanto os primeiros voluntários. Projetos como o PCS são um mecanismo vivo, com as características das pessoas que estão ali naquele momento. Então todo dia é uma fundação nova.

8) Você tem algum material PCS? Em caso positivo, poderia emprestar para a pesquisa e devolvemos posteriormente.

Eu não tenho nenhum material físico, mas eu acho que o material que melhor representa o que eu penso do projeto é este filme feito colaborativamente pela Maria Flor e um grupo de alunos: <https://vimeo.com/170158877/3b5f63a45c>

APÊNDICE E:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM OS FUNDADORES DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)

A.

- 1) Como surgiu a ideia de montar um projeto social voltado para a educação?

Bom no meu caso, eu vim do PVNC que é um pré-vestibular voltado para preparar jovens carentes para o vestibular, então eu queria retribuir o que foi feito por mim, pois tanto os professores e coordenadores do PVNC eram voluntários. A forma de retribuir que achei foi dar continuidade ao trabalho, mesmo que em outro projeto.

- 2) Como foram os primeiros passos para o surgimento do Projeto Construindo o Saber?

O Hugo, que foi o primeiro a levar esta ideia para frente, contatou a coordenação do PVNC, a qual eu fazia parte, para analisar a possibilidade de abrir um segundo pré-vest comunitário em Rio das Pedras. Na época a procura era muito pequena e o PVNC atendia a demanda anual da comunidade, então o desencorajamos. Mas como ele queria montar um projeto voltado para a educação e não necessariamente para o vestibular, pensou em ofertar aulas de reforço para os alunos do ensino médio. Como a única escola de ensino médio em Rio das Pedras Era o CAIC, foi conversar com a direção. Esta foi muito receptiva e o recebeu de braços abertos, cedendo uma sala para uso das aulas de reforço.

Eu cheguei a dar aula de física para a turma de reforço do segundo ano na época. Após o início do trabalho, o Hugo marcou na casa dele uma reunião de fundação do projeto, estive presente com mais dois coordenadores do PVNC, e o projeto tinha nascido oficialmente ali.

- 3) Por que escolher o Rio das Pedras como área de atuação? Tem alguma ligação com o lugar?

No meu caso é devido a morar aqui. Por muito tempo eu pensei que após me formar e melhorar de vida, deveria sair daqui para um lugar melhor. Isso devido ao descaso e falta de respeito das pessoas do local com os outros e com o próprio local.

Mas após algum tempo atuando como voluntário nos projetos, percebi que era um pensamento egoísta e que era possível transformar a comunidade em que praticamente nasci (Vim do Hospital Miguel Couto direto para cá onde moro até então). E essa transformação era possível através da educação, talvez mudando a opinião ou mostrando outro ponto de vista para os que ainda pensam igual a mim.

- 4) Qual a maior dificuldade enfrentada durante este percurso?

Acredito que a maior dificuldade foi e é de conseguir pessoas dispostas a doar seu tempo para transformar a vida de outras pessoas. Alguns dos alunos que passaram pelo projeto nesses anos todos jamais pensaram em cursar uma universidade. O projeto não só os ajuda a conseguir um ensino superior, mas começa mostrando que é possível sim.

Embora seja muito gratificante, para muitas pessoas não é o suficiente e quer seja por ganância ou por necessidade fogem de iniciativas como essa.

Por exemplo: era tão difícil conseguir professores de português que em 2007/2008 (não lembro ao certo) teve que conseguir doações para pagar professores, pois não haviam voluntários de letras.

- 5) O PCS foi mudando ao longo do tempo e estendendo seu funcionamento de aulas de reforço, para Pré-Vestibular e Pré-Técnico. Como isso aconteceu?

Demanda. Devido aos programas de incentivo ao acesso as universidades como PROUNI e o sistema de cotas, sem falar na própria atuação dos prés, mais pessoas se interessavam a cada ano e o PCS vendo esta necessidade decidiu começar um preparatório para ENEM (Se não me engano foi em abril de 2007). O interessante é que antes os

coordenadores foram procurar os coordenadores do PVNC para ver se não haveria problemas e claro que o PVNC não viu problemas, pelo contrário, vendo que não estávamos dando conta da demanda até incentivamos o PCS.

Já o pré-técnico eu não acompanhei muito, mas acredito que também tenha sido pela demanda por dois motivos: O CAIC possuía ensino fundamental naquela época e o único pré-técnico que existiu em Rio das Pedras Fechou no final de 2004.

- 6) Ainda tem alguma ligação com o PSC? Se sim, qual?

Sim, ajudo na coordenação e sou professor de química

- 7) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

São muitas na verdade, mas como eu participava dos dois projetos, PCS e PVNC não tinha como não comparar as coisas e o envolvimento das pessoas.

Os voluntários iniciais do PCS eram praticamente moradores da freguesia, de classe média, em média 20 a 25 anos, frequentadores da igreja do loreto, etc. E tinham uma garra absurda, trabalhavam no projeto de sol a sol se fosse necessário, qualquer problema para eles poderia ser resolvido e faziam qualquer coisa pelos alunos. Embora não participem mais do núcleo Rio das pedras, acho que essa garra ecoa até hoje nos novos voluntários.

- 8) Você tem algum material PCS? Em caso positivo, poderia emprestar para a pesquisa e devolvemos posteriormente.

APÊNDICE F:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM O VOLUNTARIADO DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

Ka.

- 1) Quando e como conheceu o PCS?

Conheci o Projeto em 2011 através de duas pessoas. Uma amiga que já tinha sido aluna, mas na turma de pré-técnico. E uma amiga da minha mãe que era professora de matemática no CAIC, onde o PCS se encontra, que falou muito bem do Projeto e me informou sobre a abertura de inscrições. Fiz o processo seletivo e fui aprovada para a turma de 2012.

- 2) Por que decidiu trabalhar como voluntária?

O Projeto e seus voluntários conquistaram meu carinho e admiração no tempo em que fui aluna. Sempre foi apresentado para nós alunos a importância daquele trabalho para todos os envolvidos e o quanto o mesmo afetava diretamente a vida de seus alunos. Quando fui aprovada, não restava nenhuma dúvida de que voltaria como voluntária. Não só pelo o que me foi demonstrado pelos voluntários, fundamentais para a minha formação, ou só pelo sentimento de retribuição, mas principalmente por querer continuar mudando a vida de muitas pessoas, que assim como eu, deveriam ter a oportunidade de ter um ensino melhor que não nos foi oferecido na rede pública.

- 3) Há quanto tempo está no PCS?

Comecei a trabalhar como voluntária no segundo semestre de 2014.

4) Qual a sua visão sobre o seu trabalho no PCS?

Sempre tentei me dedicar ao máximo ao meu trabalho no PCS, mas a vida de universitária nem sempre nos permite. Porém, acredito que assim como o meu, o trabalho dos demais voluntários que estão ou que já passaram pelo Projeto foram e são fundamentais para ainda conseguirmos manter esse trabalho. Com um propósito não apenas educacional, mas social também, tenho certeza que meu trabalho pôde ajudar de alguma forma a vida de muitas pessoas que passaram por lá. Sinto-me muito orgulhosa por esses quase 4 anos de voluntariado, onde pude crescer como pessoa e como profissional. Com altos e baixos, o trabalho voluntário se fez essencial na minha vida.

5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

Todos os momentos onde os voluntários fizeram o máximo de si para conseguir alcançar algum objetivo, nas diversas vezes onde tivemos que nos desdobrar pra manter o PCS funcionando ou quando passamos por cima das dificuldades encontradas diariamente no projeto e mesmo assim seguirmos com nosso trabalho, me motiva a continuar e são lembranças que sempre me marcarão.

APÊNDICE G:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM O VOLUNTARIADO DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

Am.

- 1) Quando e como conheceu o PCS?

Conheci o PCS em 2015, quando uma ex-aluna (de outro projeto Vânia) me convidou para dar aulas de redação.

- 2) Por que decidiu trabalhar lá como voluntário? Está a quanto tempo no PCS?

Já tinha trabalhado como professora voluntária de Português no Rio das Pedras, em outro projeto, entre 2009 e 2011 e foi uma experiência muito boa. Gosto de dar aulas e o PCS é um espaço para aprimorar a didática por meio da prática, além de gostar muito da gestão orgânica do projeto, feita em grande maioria pelos ex-alunos. Esse é meu terceiro ano como professora do projeto.

- 3) Qual a sua visão sobre o PCS?

Acho que é um projeto que vai além da preparação para o vestibular, funciona muitas vezes como um espaço coletivo de troca e apoio. Na minha opinião, o projeto também sofreu com a desesperança que a mudança de governo e orientação política sofre após o impeachment da Presidente Dilma. Ainda assim, resiste como espaço de esperança e busca. Este ano especificamente é um momento de re colocação do projeto em relação aos seus fundadores e à ONG que o mantinha. Acredito na capacidade do projeto de construir uma nova identidade a partir daí, mesmo com a dificuldade das circunstâncias.

4) Qual a sua visão sobre o seu trabalho no PCS?

Meu trabalho dentro de sala de aula demanda mais planejamento do que por vezes eu dedico. Mesmo assim, é um momento de troca de informações e estratégias de vida e tenho a impressão de que eu os alunos criamos oportunidades de desenvolvimento, seja humano ou acadêmico. Ainda que acabe sofrendo as atribuições de outras partes da minha vida, meu trabalho em sala de aula é muitas vezes uma fonte de energia para o resto.

Quanto à participação fora da sala de aula, gostaria de me organizar melhor para poder efetivamente contribuir.

5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

Minha lembrança mais marcante do projeto é estar errada em uma reunião de professores e reconhecer que existia um impulso arrogante e individualista que não servia para nada, nem no projeto nem no resto da minha vida. Dentro de sala de aula, tenho uma sensação marcante de acolhimento e confiança, mas que é construída por muitas lembranças, sem uma cena específica.

APÊNDICE H:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM O VOLUNTARIADO DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

Al.

- 1) Quando e como conheceu o PCS?

Conheci o PCS em 2008, quando alguns membros atuantes do projeto na época foram à minha sala de aula da escola explicar do que se tratava a iniciativa.

- 2) Por que decidiu trabalhar lá como voluntário? Está a quanto tempo no PCS?

Eu decidi fazer parte do time de voluntários porque o projeto sempre funcionou e funciona ainda através do voluntariado, ele só continua existindo porque os ex alunos voltam para fazer por alguém o que um dia fizeram por eles, e eu quis fazer parte do motor que continua fazendo o projeto se manter ativo. Esse é meu primeiro ano como voluntário.

- 3) Qual a sua visão sobre o PCS?

Eu sempre achei e continuo achando que o projeto está muito além de uma aprovação no vestibular, na minha vida por exemplo, ele atuou como agente transformador, e acredito que aconteça da mesma forma com a parte da comunidade que ele atende. O projeto propaga amor.

- 4) Qual a sua visão sobre o seu trabalho no PCS?

Fico feliz de saber que eu faço parte de algo que busca fazer a diferença no meio carente de oportunidades que eu faço parte.

- 5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

Todas as vezes que eles demonstraram acreditar em mim, isso reflete, de certa forma, na maneira como eu lido com certos tipos de desafios hoje.

APÊNDICE I:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM ALUNOS E EX-ALUNOS DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

G.

- 1) Quando e como conheceu o PCS? Quanto tempo ficou no PCS? Estudo no Pré-Vestibular, no Pré-Técnico ou em ambos?

Conheci o PCS em 2010, quando voluntários foram à minha sala de aula mostrar o projeto e como funcionava. E que o espaço do mesmo era na escola e de graça! Diferente de outros cursos de pré-vestibulares da época que eram pagos. Estudei no pré-vestibular de lá. Estudei por 3 anos.

- 2) Conseguiu aprovação para alguma universidade ou escola técnica, qual? Que curso?

Sim. Passei para o curso de Artes cênicas -Direção Teatral, da UFRJ.

- 3) Você trabalhava e estudava?

Só estudava.

- 4) Qual a contribuição do PCS para a entrada na universidade? E para a sua vida?

Para a universidade: ajuda jovens com renda baixíssima. Fez muitos jovens serem os primeiros de suas famílias à ingressarem em universidades públicas e bolsas de até 100% em universidades privadas. Deu e dá chances para aqueles que precisam de um empurrão na educação e força psicológica de forma amigável e madura entre professores e alunos, tratando como pessoas capazes de realizar seus sonhos e não números de

aprovados para gráficos. O projeto me marcou muito, pois lá eu me sentia muito acolhida e respeitada em minhas dificuldades em matérias, em ser "crua" com a questão da universidade, mundo de vestibular, essas coisas. Mostrou o quão é possível, quando se tem amor, vontade e respeito para com o próximo! É possível obter resultados de sonhos.

5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

Situações marcantes tenho muitas! Amizades, conversas de superação quando não se passa de primeira no vestibular. É muito estudo! Estudei mais em 3 anos de projeto do que em anos de escola. Aprendi que tudo o que você emana, volta e quando se tem amor, vem mais bonito o resultado.

APÊNDICE J:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM ALUNOS E EX-ALUNOS DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

B.

- 1) Quando e como conheceu o PCS? Quanto tempo ficou no PCS? Estudo no Pré-Vestibular, no Pré-Técnico ou em ambos?

Conheci o PCS em 2007, meus amigos estavam comentando sobre esse preparatório pra escolas técnicas, fiquei interessada e resolvi participar pra conhecer mais. Fiquei 1 ano no Pré-técnico.

- 2) Conseguiu aprovação para alguma universidade ou escola técnica, qual? Que curso?

Sim, pra Escola Técnica Estadual República da Rede Faetec. No curso de Mecânica Industrial.

- 3) Você trabalhava e estudava?

Só estudava.

- 4) Qual a contribuição do PCS para a entrada na universidade? E para a sua vida?

Atualmente não estou cursando nenhuma faculdade, porém o PCS foi peça fundamental na minha entrada pra uma escola técnica. Eu não sou nascida do Rio, minha família é nordestina e apesar de morar no Rio desde 2004, na época eu não tinha conhecimento sobre essa possibilidade de fazer um ensino médio junto com um curso técnico, que me daria a oportunidade de sair encaminhada para o mercado de trabalho. Então, eu estou certa em dizer que foi graças às portas que o PCS abriu que eu consegui chegar aonde estou e me fez querer cada vez ir mais além.

5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

Lembro de todos os voluntários com muito carinho e orgulho porque a maioria vinha de longe e abria mão do seu fim de semana para estar ali, compartilhando o conhecimento deles conosco. Sou muito grata a todos que fazem e fizeram parte desse projeto.

APÊNDICE K:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM ALUNOS E EX-ALUNOS DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

E.

- 1) Quando e como conheceu o PCS? Quanto tempo ficou no PCS? Estudo no Pré-Vestibular, no Pré-Técnico ou em ambos?

Conheci o projeto através do Facebook. Terminei o ensino médio com 19 anos e não quis fazer faculdade, pois não tinha nenhuma faculdade que eu gostasse. Passaram-se dois anos e eu só trabalhei, nesse tempo eu vi que precisava de uma faculdade para ter um emprego melhor, então resolvi fazer o projeto para tentar entrar em alguma faculdade.

- 2) Conseguiu aprovação para alguma universidade ou escola técnica, qual? Que curso?

Ainda não consegui aprovação.

- 3) Você trabalhava e estudava?

Só estudo, parei o trabalho para me dedicar ao vestibular.

- 4) Qual a contribuição do PCS para a entrada na universidade? E para a sua vida?

O PCS contribui para a minha entrada na universidade, pois posso ver matérias que eu não lembrava, outras que nunca vi. Essa é uma forma de ganhar mais conhecimento com o projeto e ter uma melhor capacidade de fazer uma prova.

Na minha vida contribui, pois se eu conseguir entrar para uma faculdade é um objetivo que antes eu já não tinha, então isso já está mudando a minha vida aos poucos.

5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

Sim, a prova da Uerj. Eu optei de não fazer a prova por causa da distância do local da prova, mas eu acho que teria tentado de novo. Se eu pudesse voltar atrás teria tentado fazer a prova.

APÊNDICE L:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INSTRUMENTO DE PESQUISA – ENTREVISTA COM ALUNOS E EX-ALUNOS DO
PROJETO CONSTRUINDO O SABER (PCS)**

K.

- 1) Quando e como conheceu o PCS? Quanto tempo ficou no PCS? Estudo no Pré-Vestibular, no Pré-Técnico ou em ambos?

Conheci o projeto em 2013 através de uma amiga na escola, estávamos no nono ano e ela me falou que estudava no pré-técnico, eu nem sabia da existência do curso. Então eu fui me informar e vi que ainda tinham vagas e assim eu consegui entrar para estudar.

Agora eu voltei para o pré-vestibular, passei em agosto para cursar pedagogia, e voltei para as aulas de específica da Uerj porque quero cursar história junto com pedagogia.

- 2) Conseguiu aprovação para alguma universidade ou escola técnica, qual? Que curso?

Sim. Para o Pedro II e para pedagogia.

- 3) Você trabalhava e estudava?

Só estudo.

- 4) Qual a contribuição do PCS para a entrada na universidade? E para a sua vida?

Toda, pois sem o projeto eu não saberia da existência de escolas federais ou escolas técnicas, conhecia as escolas do município, as escolas particulares e só.

No projeto aprendemos mais que as matérias de humanas e exatas ou matérias para passar no vestibular. O que aprendemos no projeto, nos debates que temos em aulas contribuem para a nossa vida, para o que a gente é, para os conceitos que temos e que vamos levar na nossa vida.

5) Tem alguma lembrança marcante do PCS?

Eu amava as aulas do Euclides no técnico, eu aprendi muito com ele, e as aulas do Dudu, do Barud. No pré-vestibular o mais marcante foram os debates nas aulas do Vinícius.